

J É S S I C A M I G U E L

Apolo

S É R I E I R M ã O S T I M B E R G





Apolo
Jéssica Miguel

Apolo – Série Irmãos Timberg – 2ª edição

Esta é uma obra de ficção.

Nomes, personagens e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

De acordo com as Normas de Leis e das Convenções Internacionais, são proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios – tangível ou intangível – sem o consentimento escrito da autora.

Copyright © 2018 Jéssica Miguel

Todos os direitos reservados.

Produção Editorial

Preparo de Originais: Jéssica Miguel

Revisão: Cristiane Castro e Jéssica Miguel

Diagramação: Jéssica Miguel

Capa: Editora Motres

Imagens: © AdobeStock

ISBN: 978-85-53047-65-9

Sinopse

Apolo é um romântico assumido e que adora surpreender aqueles a quem ama. Quando os seus olhos se perdem no brilho dos fios acobreados e o seu coração salta uma batida, ele enxerga na imensidão dos olhos azuis esverdeados que aquela é a sua garota especial e, então, ele percebe que é a sua vez de ser surpreendido.

Naquele dia dos namorados, ele tinha tudo planejado nos mínimos detalhes. Só que Bianca, com seu jeito desastrado e atrevido, toma as rédeas da situação e Apolo não perde por esperar.

Agradecimentos

Eu quero agradecer a Deus em primeiro lugar. Sem Ele, nada seria possível.

Mãe, pai, irmã, obrigada. Vocês não fazem ideia de como foram importantes nessa fase da minha vida. Sem vocês, eu não teria tido o suporte para me manter firme e não desistir dos meus sonhos.

Aline Miguel, por favor, não me processe (você vai entender a piada e eu estou rindo horrores imaginando a sua gargalhada espalhafatosa)! Eu te amo muito! Você é a melhor irmã-agente-beta do mundo! Obrigada por ser a minha maior incentivadora e por sempre puxar a minha orelha, me cobrar os prazos e me dar uns beliscões quando eu não me comporto. Você é minha alma gêmea.

Maitê e Ruby, vocês são as melhores betas e leitoras críticas que alguém poderia ter. Eu amo vocês! Obrigada por todos os conselhos, por todo o incentivo e, principalmente, por sempre estarem lá para mim. Se eu dei mais um passo nessa caminhada, foi de mãos dadas com vocês.

Evy Maciel, minha *unicórnio* do cabelo azul, muito obrigada por tudo. Por cada conselho, cada bate papo, cada palavra de incentivo. Você é um ser mágico e eu te amo ainda mais por isso.

Flavia, Patrícia e Paula, minhas primeiras leitoras e betas eternas. Vocês são as melhores! Obrigada por cada surto, por cada palavra de incentivo, por cada vez que vocês pararam o que estavam fazendo e vieram ao meu socorro. Eu amo vocês.

Jacqueline e Danielle, obrigada por aceitarem o desafio de betar Apolo. Vocês são os dois melhores presentes que *Petrus* me trouxe e eu espero que permaneçam aqui por muitos e muitos anos.

Gratidão!

É uma palavra bonita, com um significado nobre e que me define nesse momento.

Escrevendo, eu aprendi que chamar um livro de filho faz todo o sentido. Você passa dias, meses e, às vezes, anos gerando aquela história. Lapidando, melhorando, até que, um dia, ela está pronta para ser apresentada ao mundo. Escrever é estressante, terminar um livro é um trabalho cansativo. Passar todos os seus pensamentos para o papel não é tão simples como parece. Mas é tão gratificante, que faz todo o processo valer a pena.

E nada disso faria o menor sentido sem vocês, leitores.

Então, a todos vocês, o meu muito obrigada!

Com amor,

Jéssica Miguel

Playlist

CAPÍTULO UM: PARA QUANDO O ARCO-ÍRIS ENCONTRAR O POTE
DE OURO – NANDO REIS

CAPÍTULO DOIS: DE JANEIRO A JANEIRO – NANDO REIS

CAPÍTULO TRÊS: SINGULAR – ANAVITÓRIA

CAPÍTULO QUATRO: TUA – ANAVITÓRIA

CAPÍTULO CINCO: NOSSO PEQUENO CASTELO – O TEATRO
MÁGICO

CAPÍTULO SEIS: PERFECT – ED SHEERAN

CAPÍTULO SETE: ALL STAR – NANDO REIS

CAPÍTULO OITO: LIPS ON YOU

CAPÍTULO NOVE: 93 MILLION MILES – JASON MRAZ

CAPÍTULO DEZ: ESCOLHO VOCÊ – SANDY

CAPÍTULO ONZE: NOSSO NÓ(S) - SANDY

*Para Malu, a princesa que me ensinou a acreditar em finais felizes.
E para Bianca. Obrigada por criar um lobo só para mim!*

*“Eu nunca pensei
Enquanto te esperava
Eu sempre te esperei
Mas você não chegava (...).
Amanhã você terá a noite.
Porque amanhã eu te darei o sol.”
(Para quando o arco-íris encontrar o pote de ouro – Nando Reis)*



Oito meses antes dos acontecimentos de Petrus.

Após o fim de mais um plantão exaustivo no Instituto Médico Legal, Bianca se arrastava pelo estacionamento em direção ao seu carro. A chave estava presa entre os seus dentes e a bolsa pendurada no antebraço enquanto ela tentava, de um jeito bem enrolado, dobrar o jaleco para enfiá-lo no saco ziplock.

Sua mente estava esgotada e o seu corpo dolorido implorava por uma cama confortável. Bianca estava com preguiça até mesmo de atender ao telefone que vibrava insistentemente em sua bolsa. Se tinha algo que ela detestava era a falta de bom senso de algumas pessoas. O raciocínio era bastante lógico: já que ela não atendeu a ligação nas três primeiras tentativas era porque não tinha como atender. Ou simplesmente por não querer atender, então, para que continuar tentando? Afinal, ela poderia retornar facilmente quando estivesse disponível; simples assim.

Bufando, Bianca apoiou a sacola com seu jaleco no teto do carro e pressionou o botão para destravar as portas. Logo em seguida, jogou tudo no banco traseiro, sem se importar com a bagunça. Abriu a bolsa e procurou o telefone que continuava tocando. Por fim, deslizou o polegar na tela sem ao

menos ver quem estava tão desesperado para falar com ela.

— *Onde você está, fofinha?* — indagou a voz anasalada do outro lado da linha.

— Fofinha é a sua cara redonda, irmãzinha. — Brincou enquanto fazia uma careta.

— *Bia, é sério! Hoje é o seu primeiro dia na academia e não quero me atrasar para o meu treino.*

— Relaxa, Barbie. — Revirou os olhos — Eu já saí do trabalho.

— *Ótimo! Vem logo!* — E antes que ela pudesse responder, Maitê encerrou a ligação.

Bianca respirou fundo e prendeu o ar nos pulmões para depois soltá-lo lentamente. Repetiu o exercício por mais algumas vezes até o seu corpo relaxar o suficiente para que a vontade de dar um tapa na cara de Maitê passasse e dirigiu até o apartamento que dividia com a irmã caçula.

Maitê – ou Barbie – era uma mulher daquelas que atraía olhares por onde passava. De homens e de mulheres, também. Seu cabelo tinha um tom de mel natural de dar inveja. Seu corpo era todo definido e ela era cheia de frescuras com a sua alimentação e saúde. Ou seja, nada parecida com a irmã mais velha. Era uma boa pessoa, apesar de fútil. Veja bem, fútil, não burra. Era professora de Pilates em uma conceituada clínica particular e não se importava em gastar todo o seu salário com roupas, sapatos e tratamentos estéticos. Bianca amava a irmã, mesmo que algumas vezes, tenha sentido uma vontade louca de jogá-la do décimo primeiro andar.

O trânsito estava livre e Bianca chegou rápido até seu prédio. Encontrou Maitê tomando o seu termogênico na cozinha e, sem dar margem para que ela puxasse assunto, correu para se arrumar. Vasculhou as gavetas

do armário em busca de roupas de ginástica e precisou dar alguns pulinhos para ajudar a calça de *lycra* a subir. Vestiu a velha camiseta dos Ramones e se olhou no espelho notando algumas manchinhas vermelhas espalhadas em sua pele, um nítido sintoma de nervosismo. Não entendia o motivo para se sentir daquela forma, afinal, estava apenas indo se exercitar, mas algo dizia para ela que aquele dia seria diferente, como se seu sexto sentido sussurrasse que algo especial estava prestes a acontecer.

Maitê sorriu com malícia ao ver a irmã caminhando em sua direção. Apesar de Bianca ter um corpo muito bonito e cheio de curvas, precisava se exercitar. Não era só uma questão de estética, ou do manequim quarenta e quatro que não ficava tão perfeito nela quanto o quarenta ficaria. Era uma simples questão de saúde. Bianca trabalhava muito e se empanzinava de porcarias, além de ser sedentária. Como médica, devia ser a primeira a seguir uma vida saudável.

O caminho até a academia foi feito em silêncio. Enquanto Bianca se concentrava em acalmar os batimentos cardíacos, dirigindo de forma mecânica, Maitê tocava a tela do celular de forma empolgada.

— Chegamos! Oba, Bia! Nem acredito que você vai colocar o sedentarismo de lado! — Bianca forçou um sorriso amarelo na direção da irmã. Esperava ansiosamente pelo dia em que ficaria tão empolgada com uma simples ida à academia. — Vai entrando que eu preciso resolver uma coisa.

Bianca ainda tentou retrucar e dizer que precisava de auxílio para conhecer a academia, mas Maitê não deu chances à ruiva, seguindo em direção a alguns rapazes que estavam conversando em pé no estacionamento. Puxou o ar e abriu a porta do carro, sem esperar para ver se Maitê ia ser rápida. Andando sem pressa, seguiu rumo à entrada do estabelecimento.



— Ei, Deus Grego!

Apolo sorriu. Não gostava daquele apelido que o acompanhava desde pequeno, mas quando era Ana quem o chamava, não se importava e fazia questão de abrir sempre o seu melhor sorriso para recepcioná-la. Talvez porque não soasse pejorativo nos lábios dela.

— Ei, magrela!

Várias pessoas pararam o que estavam fazendo para vê-lo dar um beijo estalado na bochecha da menina baixinha com cabelos compridos. Era engraçado ouvir as pessoas cochichando, tentando ser discretas enquanto falavam que os dois tinham algum tipo de relação mais íntima. Nesses momentos as bochechas de Ana ganhavam um tom avermelhado e Apolo sorria ainda mais. Era acostumado a chamar a atenção por onde passava. Dos quatro filhos de Lúcius, ele era o mais alto e o que mais cuidava do corpo. Afinal, era mais que o seu instrumento de trabalho, era o seu portfólio.

Ana era a sua melhor amiga. Ainda se lembrava de quando ela atravessou as portas da academia pela primeira vez e quase que instantaneamente ele se sentiu conectar a ela. Depois de algumas conversas esporádicas, passaram a ficar mais íntimos e Apolo a colocou sob as suas asas. Seus sentimentos por Ana iam além da proteção, ela era a irmã que ele escolheu para amar e zelar.

Acompanhou a magrela pelos aparelhos, atento aos comentários que ela fazia sobre uma feira de caridade que ia acontecer em algumas semanas. Ana era nutricionista, e ajudaria como voluntária com consultas e orientando as

pessoas a como ter uma alimentação mais saudável, além de um minicurso para ensinar aos participantes como reutilizarem a parte do alimento que normalmente é descartada. Apolo se empolgou em ajudar montando planos de exercícios fáceis para se fazer em casa, além de ajudá-la a colocar a mão na massa na cozinha.

Já era quase noite quando Apolo parou e decidiu ir até a recepção conversar com a gerente da academia. Apreciava ficar por dentro dos mínimos detalhes, mesmo que a maioria fossem só fofocas. Não que ele gostasse de fazer isso, mas como era um dos sócios, preferia saber com antecedência a respeito de qualquer problema que pudesse atrapalhar ou melhorar o relacionamento entre seus funcionários e clientes.

Camila contava sobre o novo estagiário que estava deixando as mulheres deslumbradas com o seu charme, mas Apolo parou de ouvir de repente. Seus olhos foram atraídos para a porta principal da academia por onde uma mulher com cabelos de fogo passava. Engoliu em seco ao mesmo tempo em que seu olhar se perdeu nas curvas arredondadas daquele corpo, assim como o seu coração.



Bianca escorou-se no balcão para aguardar a sua vez de ser atendida. Buscou o celular na sacola de academia e abriu o aplicativo de músicas. Ela era movida a música, exceto na hora de descansar. Dormir, para ela, era um ato sagrado. Era o momento em que colocava a cabeça no travesseiro e refletia sobre o seu dia, ao mesmo tempo em que conversava consigo mesma sobre as suas escolhas e atitudes, sempre visando ser alguém melhor no dia seguinte. E isso só era possível com o silêncio.

Encontrou uma *playlist* animada com alguns clássicos de suas bandas favoritas e apertou o *play*. *Fear of the Dark*, do Iron Maiden, soou em seus ouvidos e ela fechou os olhos, batucando com os dedos no balcão.

Não era só o corpo de Bianca que estava exausto, sua mente também. Algumas pessoas acham que trabalhar no IML é bem mais tranquilo do que na emergência de um grande hospital. Mas não. São ambientes completamente diferentes. Tarefas muito distintas e desgastantes, tanto física como emocionalmente.

Tantas pessoas iam até lá na esperança de encontrar os seus parentes e dar um fim ao sofrimento, assim como outras tantas iam não querendo achar, com a esperança de que ainda poderiam estar vivos. Bianca respirou fundo e abriu os olhos, focando-os em um ponto qualquer na parede. A cada corpo que chegava para a necropsia, a cada familiar que ela consolava após abrir uma gaveta, a cada laudo justificando a *causa mortis*, era como se um pedaço seu entrasse em luto.

Bianca amava o que fazia. Ao contrário da maioria dos médicos que cursavam medicina para salvar vidas, ela sempre quis cuidar daqueles que estão presentes apenas em corpo. Ser uma médica legista era a realização de um sonho. E mesmo assim, na maioria dos dias em que saía de lá, corria para casa a procura de um banho quente e sua cama confortável. Em outros dias, ela implorava por uma generosa dose de tequila.

A recepcionista simpática sorriu para Bianca, fazendo-a camuflar todo o turbilhão de emoções que passavam por seus olhos. Fez todo o cadastro e registrou a sua digital para depois ser instruída sobre como proceder no seu primeiro dia na academia.

Bianca conheceu Renata, uma das professoras que ficavam no salão auxiliando os alunos. Ela era baixinha, loira e, ao contrário das outras

mulheres que vestiam o uniforme da academia, ela tinha o corpo feminino, definido suavemente.

Renata esbanjava simpatia, paciência e dedicação. Ela e Bianca se deram muito bem logo de cara. A professora ensinou-a como manusear os aparelhos e quais movimentos fazer em cada exercício, corrigindo-a quando fazia algo errado, acompanhando cada repetição até que ela finalizasse a série.

Após o primeiro dia de aula, Bianca sentiu-se mais estimulada a voltar no dia seguinte, e nos próximos. O ambiente era agradável, a maioria das pessoas era simpática e, surpreendentemente, praticar exercícios a deixava mais bem-disposta e relaxada.

Professora e aluna encontraram muitas coisas em comum durante as várias conversas que mantiveram durante a primeira semana de treino. Bianca passou a chegar todos os dias um pouco mais cedo para lanche na lanchonete da academia e conversar com Renata.

Quem as via, sequer imaginava que se conheciam há poucos dias. Desenvolveram intimidade e uma conexão surreal. A interação entre elas era dinâmica e funcionava tão bem que passou a despertar a curiosidade dos outros frequentadores. Inclusive de Apolo, que não passava uma tarde sem acompanhar Bianca com os olhos, mesmo que escondido por trás das máquinas de ginástica.

*“Olhe bem no fundo dos meus olhos
E sinta a emoção que nascerá quando você me olhar.
O universo conspira a nosso favor
A consequência do destino é o amor.”
(De Janeiro a Janeiro – Nando Reis)*

Dois

— Não consigo entender essa sua amizade repentina com aquela loira de farmácia, Bia. — Maitê se sentou na cama de solteiro que Bianca tinha em seu quarto e ficou lixando as unhas enquanto esperava a irmã sair do pequeno *closet*. — Ela parece ser tão... esquisita.

Bianca não se surpreendeu com o comentário da irmã, muito menos com o tom de voz que ela usou. Maitê era mal interpretada na maioria das vezes em que abria a boca. Só que Bia conhecia bem demais a irmã e sabia, como ninguém, ler nas entrelinhas e, por isso, decidiu que aquele era o momento perfeito para cortá-la antes que o assunto rendesse uma briga.

— Tê — Bianca usou um tom afável, porém rígido —, eu não te devo satisfações das minhas amizades. — E se virou para a parede ao lado da porta do *closet*, onde havia um espelho em que ela podia se ver por inteira.

Maitê parou o que estava fazendo e encarou a irmã. Bianca sempre foi muito independente e não gostava de se explicar para ninguém. A caçula enrugou a testa e fez uma careta engraçada para logo depois arregalar os olhos, como se acabasse de descobrir algo chocante.

— Cacete, Bia! Você é lésbica! Como não notei isso antes?

— O q-quê?

A mão de Bianca congelou no ar e ela viu sua expressão perplexa refletida no espelho. Virou-se e deu alguns passos em direção à irmã que a

olhava com curiosidade. Bianca notou que Maitê ainda vestia as roupas brancas que usava no trabalho e parecia um pouco apreensiva enquanto aguardava a sua resposta. O coque no alto da cabeça denunciava que Maitê não estava em seus melhores dias, o que justificava o comentário ácido logo que chegou ao quarto.

Bianca inclinou a cabeça para o lado e abriu a boca para responder, mas desistiu. Os olhos de Maitê brilhavam com a surpresa e um pequeno sorriso brotou em seus lábios. Bia estava somente de lingerie e ficou um pouco sem graça, puxou o ar com calma e ajustou a sua postura, dando meia volta e entrando no *closet*.

— Você não vai me responder? — Maitê insistiu. — Eu odeio ficar no vácuo!

Maitê pouco se importava com a vida sexual de sua irmã, mas ao ouvir os murmúrios que circulavam pela academia, ficou muito chateada, sentindo-se excluída por ser a última a saber e até um pouco decepcionada pela forma como descobriu o possível relacionamento da irmã.

— Eu não preciso responder isso, Maitê Cristina. — Debochou. — Mas já que você quer saber, não. Eu não sou lésbica — falou alto o suficiente para que fosse ouvida do lado de fora do armário.

A regra número um para a boa convivência era não levar homens para o apartamento. Todos os casos amorosos deviam ficar do lado de fora. Ali era um espaço privado, onde podiam ser o que quisessem, andar nuas no verão ou com pijamas velhos no inverno. Bianca e Maitê nunca apresentaram namorados para a família, mas a caçula teve a sua cota de flagras durante a adolescência e uma boa parte da vida adulta. Já Bianca era a famosa come quieta. Na adolescência fazia tudo bem escondido, depois resolveu se dedicar cada vez mais aos estudos e por morar longe de casa era difícil ser controlada

pelos pais.

Bia tinha uma vida amorosa bem confortável. Conhecia várias pessoas e não perdia uma oportunidade de ser livre e feliz, mas preferia manter a sua vida sexual a mais privada possível, principalmente por se considerar uma mulher muito bem resolvida. E era por não aparecer pendurada nos braços de um homem ou por gostar de coisas pouco convencionais para a maioria das mulheres, que ela tinha que aguentar comentários machistas e preconceituosos por parte da sua família.

— Você sabe que isso não é um problema, certo? Eu te amo e te aceito da forma que você...

Maitê perdeu a capacidade de falar ao ver Bianca sair novamente pela porta. Olhou-a dos pés à cabeça, admirada. A calça jeans rasgada moldava suas curvas e a blusa com estampa de ursinhos fofos era a cara dela. Maitê adorou vê-la usar maquiagem, mesmo que algo básico, e o cabelo preso em um coque rosquinha bagunçado, davam a ela um ar despojado e sexy.

Bianca pigarreou sem saber como reagir à inspeção descarada de Maitê.

— Quer que eu dê uma voltinha?

— Não precisa, não, Bia — Maitê falou com um sorriso gigante nos lábios. — Eu ficaria com inveja dessa sua bunda enorme.

Bianca gargalhou e balançou a cabeça em negativa para logo depois virar-se para o espelho e pintar os lábios de vermelho.

— Eu só trocaria o *All Star* por uma bota. Talvez com salto, ou não. Mas amei a jaqueta de couro e esse delineador de gatinho ficou um arraso.

Quanto mais Maitê se empolgava, mais Bianca se apressava para sair. Pegou o celular e o jogou junto com o batom dentro de uma bolsa pequena e saiu andando em direção à porta, deixando para trás uma Maitê orgulhosa e

sorridente.



Apolo estava de frente para o espelho embaçado do banheiro enquanto aparava a barba. Em uma típica sexta-feira, ele ficaria em casa assistindo algum filme ou lendo um bom livro. Sim, ele era um homem caseiro e diversão para ele tinha vários sinônimos, não necessariamente sair, beber e acabar na cama de uma desconhecida após uma louca noite de sexo. Mas naquela noite ele estava agitado. Nenhum filme no catálogo chamou a sua atenção e nenhum livro conseguiu prendê-lo por mais do que algumas linhas.

Decidiu que a melhor forma de gastar aquela energia acumulada era sair com os seus companheiros de aventura. Ligou para Arthur e soube que estariam no mesmo bar de sempre. Vestiu sua calça jeans desbotada e uma camisa simples de algodão preta, pegou sua jaqueta de couro e o capacete, e saiu na sua moto.

Dirigiu no automático, parando somente quando encontrou uma vaga para estacionar na rua ao lado do bar. Percebeu, tarde demais para desistir, que estava caminhando em direção a uma mesa bastante animada onde os seus três melhores amigos conversavam e riam sem parar.

Miguel e Renata eram irmãos gêmeos e Arthur foi vizinho deles por muitos anos. Os quatro frequentaram o mesmo cursinho pré-vestibular comunitário na adolescência, até que Miguel foi cursar Direito na Universidade do Porto, em Portugal, ao mesmo tempo em que Renata foi para o Sul estudar Educação Física na Federal de Porto Alegre. Arthur e Apolo tornaram-se mais próximos depois disso e cursaram a mesma faculdade, porém cursos diferentes.

Depois de anos, Miguel retornou para o Brasil e a reconexão com os amigos foi instantânea. Renata foi a próxima a voltar para o Rio de Janeiro, surgindo em uma das várias seletivas para trabalhar na academia. Apolo percebeu que Arthur ainda era apaixonado por ela e isso, somado ao currículo impecável, foram ótimos incentivos para trazer a loira para o seu time de profissionais. Desde então, os quatro eram inseparáveis e mantinham o hábito de se encontrar uma vez na semana para um *happy hour*.

Sem prestar atenção, Apolo acabou esbarrando em uma loira muito bonita que o olhou cheia de segundas intenções. Contudo, sua mente estava longe demais e ele sequer a notou. Desculpou-se sem a olhar e seguiu apressado para a mesa.

— Quem é vivo sempre aparece! — Arthur comentou brincalhão e o cumprimentou com um abraço antes de ir em direção ao banheiro. Fazia quase um mês que não via o amigo fora do ambiente de trabalho.

Apolo deu um abraço saudoso em Miguel e deixou um beijo estalado na bochecha de Renata, perguntando sobre Arthur logo em seguida. Puxou uma das cadeiras para se sentar e notou uma pequena bolsa pendurada nela. Encarou os amigos com uma expressão confusa e quando nenhum deles falou nada, ele deu de ombros e se sentou.

. — Que bom que você veio, chaveirinho.

— Pois é meu amigo. Chaveiro e vela oficiais do casal de pombinhos.
— Miguel brincou e riu ao ver a irmã fazendo uma careta.

Antes que Apolo pudesse abrir a boca para falar qualquer besteira, uma força sobrenatural puxou seu olhar para o corredor que ficava na parte de trás do bar e ele viu a dona dos seus pensamentos, a responsável pela sua agitação, bem ali. Caminhando como uma deusa em sua direção.

Distraída, Bianca voltou o seu olhar para a mesa em que estava sentada

e percebeu que havia alguém sentado na cadeira ao lado da sua. Parou por uma fração de segundo, sentindo-se insegura de repente. Antes que desse mais um passo, assistiu enquanto o estranho virava o rosto na sua direção, fazendo com que os seus olhares se encontrassem pela primeira vez.

Os cabelos de fogo estavam presos de um jeito que a deixava sexy e a sua roupa era tão... *Ela*. Apolo deixou um sorriso sacana fluir pelos seus lábios e seu peito se encheu de satisfação ao vê-la quase tropeçar em seus próprios pés, percebendo que a afetava de alguma forma.

Sabe aquela sensação estranha de quando você olha nos olhos de alguém e acha que conhece aquela pessoa de outras vidas? Que tudo ao seu redor fica em câmera lenta até parar? O som some, seu coração para e depois volta a bater em um ritmo insano, como se tivesse acabado de encontrar a peça que faltava para concluir o quebra-cabeça da vida?

Foi assim que Bianca se sentiu.

Eram os olhos mais belos que ela já tinha visto. Negros como a noite, e ainda assim era possível enxergar as faíscas de desejo que saltavam deles e que incendiavam a sua pele. Tão profundos que Bianca não se importaria de mergulhar neles e se perder em sua imensidão. Olhos que, mesmo à distância, pareciam despi-la de suas camadas, uma a uma, desnudando a sua alma.

Bianca soltou o ar que sequer sabia que estava prendendo e sentiu o seu coração bater mais forte enquanto assistia embevecida aos lábios dele se repuxando em um sorriso sedutor, fazendo-a perder a força nas pernas. Suspirou e fechou os olhos, cravando as unhas nas palmas das mãos enquanto tentava focar mais na dor e não no pecado em forma de homem que a olhava como nenhum outro olhara.

Respirou fundo e, fingindo uma calma que não existia, voltou a caminhar com os seus olhos ainda presos aos dele.

*“É tão particular o meu encontro quando é com você
O meu sorriso quando tem o teu pra acompanhar.
As minhas histórias quando você para pra escutar.”
(Singular – Ana Vitória)*

Três

Bianca se sentou ao lado daquele homem desconhecido e percebeu que ele sequer disfarçava olhar em sua direção, analisando-a de cima a baixo. Respirou fundo, tentando acalmar as batidas desenfreadas de seu coração e inalou o cheiro amadeirado do perfume dele. Com a proximidade, Bianca conseguia sentir o calor que emanava do seu corpo e se deixou envolver por aquela vibração quente e máscula.

A conversa parecia muito interessante e ninguém se atentou ao fato de que o casal sentado lado a lado não se conhecia. Miguel e Renata cochichavam ao pé do ouvido sobre algum assunto de grande relevância, estavam focados e com as testas franzidas.

Arthur percebeu o olhar faminto de Apolo na direção de Bianca e optou por pedir uma cerveja direto no bar enquanto retornava do banheiro. Tomou alguns goles, tendo certeza de que o melhor era deixar Apolo tomar a iniciativa e fazer as coisas fluírem de forma natural.

— Será que eles vão demorar muito para se tocar de que a gente não se conhece?

Bianca sentiu suas bochechas esquentarem pouco antes de virar o rosto na direção da voz rouca. O rosto de Apolo tinha traços fortes e marcantes. O

nariz reto e as maçãs do rosto proeminentes davam a ele um ar altivo que contrastava com o tom de brincadeira em sua voz. A barba por fazer enfeitava o maxilar quadrado e o cabelo bagunçado, a jaqueta de couro era um charme à parte.

Mesmo com o coração batendo a mil por hora, Bianca se inclinou na direção dele.

— Eu nunca me senti tão invisível.

Um sorriso malicioso se formou nos lábios de Apolo. Ele duvidava que alguma vez aquela mulher já tivesse passado despercebida. Inclinou seu rosto e deixou que o desejo que havia se acumulado ao longo daquela semana, queimasse por trás da sua íris escura.

— Posso garantir que eu estou te vendo perfeitamente bem, ursinha.

Bianca abriu a boca para fechar logo em seguida e deu uma gargalhada calorosa.

— Ursinha?

Mentalmente, Bianca agradecia pelas caipirinhas que já tinha tomado. A dose extra de coragem foi fundamental para que estivesse agindo de forma mais descontraída com um estranho. Um belo estranho por sinal.

Apolo desceu os olhos para a blusa cinza com estampa de ursinhos e achou graça da expressão que surgiu no rosto da bela ruiva ao entender o motivo do apelido. Sem notar, inclinou seu corpo na direção de Bianca. Existia um magnetismo em torno dela que o atraía como um ímã. Seus olhares se encontraram novamente, travando uma pequena batalha que Apolo se permitiu perder e desviou os olhos, nervoso.

— Sou Bianca. — Ela estendeu a mão delicada e dedos longos com as unhas bem-feitas e pintadas de vermelho na direção de Apolo. Um sorriso

provocante e tímido ao mesmo tempo, desabrochou nos lábios tingidos de vermelho e algo dentro de Apolo se revirou e ele perdeu uma batida do seu coração, sentindo-se prisioneiro da presença daquela mulher.

Tentando não demonstrar o nervosismo repentino com um gesto mais ousado, Apolo pegou a mão dela e levou aos lábios depositando um beijo demorado em seu dorso. Os olhos de Bianca pareciam fascinados enquanto acompanhavam os seus movimentos.

A respiração de Bianca ficou suspensa quando ela sentiu o calor dos lábios dele tocarem a sua pele, fazendo com que o fogo do desejo percorresse suas células nervosas.

— É um prazer conhecer você, ursinha.

Bianca engoliu em seco, desejando por um segundo odiar aquele apelido que deveria soar infantil, mas que, quando sussurrado com aquela voz rouca, a fazia se sentir sexy. Apolo a soltou e ela foi rápida em disfarçar o tremor em sua mão enquanto mexia no canudinho do copo da caipirinha de morango.

Apolo se ajeitou na cadeira e fitou o perfil de Bianca ao mesmo tempo em que acompanhava os lábios dela envolverem o canudo, sugando o líquido rosado do copo.

— Apolo.

Bianca o olhou e ergueu uma única sobrancelha, demonstrando, com o olhar, a pergunta silenciosa, enquanto terminava a sua bebida. Apolo passou a mão pela barba, coçando o queixo, em um gesto nervoso.

— Eu me chamo Apolo.

O líquido rosado voltou queimando pelas fossas nasais de Bianca, e ela não conseguiu segurar. Antes que se desse conta, havia caipirinha espalhada

por toda a mesa enquanto ela estava tendo uma crise de riso, ao mesmo tempo em que tossia.

Arthur, que ainda estava distante, correu em direção à mesa, preocupado com a reação de Bianca. Desejou ser uma mosquinha para saber o que Apolo falou para fazer a ruiva ficar daquela forma.

Renata e Miguel disfarçaram, a princípio, e fingiram continuar conversando enquanto observavam a interação do casal à sua frente. Entretanto, ao ver Bianca tossir de forma descontrolada, tentaram intervir e o olhar de Apolo foi a única coisa que os manteve no lugar.

Apolo estava sem entender o motivo das gargalhadas, mas queria resolver aquela situação sozinho. Olhou para Arthur que o encarava com uma expressão divertida e ficou levemente irritado. Um dos garçons que já conhecia o grupo, apareceu ao lado da mesa com um copo de água e ofereceu-o para Bianca, que aceitou. Quando parecia que estava se acalmando, ela olhava para Apolo e começava a rir mais uma vez.

— Desculpa! Desculpa! — Bianca falava entre as risadas.

Apolo deveria se sentir constrangido diante daquela crise de risos, mas reconheceu que a situação, no geral, era engraçada. Até mesmo as pessoas das mesas próximas estavam rindo.

— Acho que você devia compartilhar a piada com todo mundo, Bia!

— *Nah...* — respondeu abanando a mão, como se não fosse algo importante. — É só que eu encontrei uma loira peituda no banheiro e ela estava falando que faria um Apolo terminar a noite na cama dela. — Enxugou as lágrimas que escaparam dos seus olhos e colocou uma mão na barriga, tentando se acalmar enquanto falava. Olhou para Apolo que a encarava com um sorriso de lado e piscou para ele, deixando clara a sua brincadeira. — Não que você seja o tal Apolo, claro. Mas foi uma ótima

coincidência.

— Que merda, Bianca! — Miguel se pronunciou, rindo.

— Eu sei! Mas olhando ao redor, tem grandes chances desse moço aqui ser o tal deus da beleza, viu?

— Acredite, urso — Apolo falou, chamando a atenção de todos da mesa. — Se eu for o tal Apolo, a loira pode desistir.

— Ué, por quê? A menina era bonita...

— Podemos dizer que eu prefiro as ruivas. — Apolo a interrompeu e piscou logo em seguida, deixando-a com um sorriso bobo no rosto e com as bochechas coradas mais uma vez.

O casal não percebeu, mas os seus amigos sorriram e trocaram olhares cúmplices, como se soubessem que dali nasceria uma bela história de amor. Arthur e Miguel conheciam bem Apolo e sabiam que ele não era de brincar, muito menos de se interessar tão rápido por alguém.

A noite continuou animada e com direito a muitas risadas. O grupo falava sobre os mais diversos assuntos e Bianca adorou conhecer as histórias onde seus novos amigos eram os protagonistas. Apolo sempre arrumava uma desculpa para tocá-la e vez ou outra apoiava o braço no encosto da sua cadeira. Mas ao contrário de se incomodar, Bianca estava gostando de receber aquele tipo de atenção.

Na hora de ir embora, Apolo beijou o canto de sua boca e ela conseguiu sentir a maciez dos seus lábios e o gosto de cupuaçu. Suspirando, Bianca entrou no primeiro táxi disponível rumo a sua casa. Tinha uma noite longa pela frente e só esperava que aquele deus grego surgisse em seus sonhos.

Depois daquela primeira sexta-feira, os amigos passaram a se ver com mais frequência. O *happy hour* da sexta-feira se transformou em um ritual

semanal e todos tratavam Bianca como se ela estivesse com eles desde a adolescência.

Bianca continuava sendo o principal assunto na academia, mas as pessoas não comentavam mais dela com Renata, e sim sobre a sua intimidade repentina com Apolo. Na primeira vez que ela ouviu os murmúrios, ficou um pouco sem graça. Eles estavam debruçados sobre o balcão da recepção, bem próximos um do outro enquanto assistiam a um vídeo qualquer no celular e era nítido que as pessoas ao redor falavam sobre eles.

— Acho que nunca fizeram tanta fofoca de alguém nessa academia, como fazem comigo — Bianca comentou e bufou logo em seguida.

— É só porque eles não me veem dando confiança para qualquer pessoa.

— E agora é aquela hora que você me diz que as mulheres devem estar morrendo de inveja de mim? — Revirou os olhos.

Apolo chegou ainda mais perto de Bianca, deixando um leve beijo em sua bochecha antes de sussurrar contra a sua pele:

— Deviam ter. Eu duvido que alguma mulher aqui tenha os homens aos seus pés como você me tem.

Bianca não sabia o que responder quando Apolo agia daquele jeito romântico, ou quando ele sorria mostrando aquela covinha fofa na bochecha. Então fez o que sempre fazia, bateu com o seu ombro no dele e desconversou. Apolo era um homem educado como um lorde e muito focado no seu trabalho. Tratava a todos muito bem, mas ainda assim usava o seu tom profissional. A maioria das pessoas confundia educação e intimidade. E era por isso que estranhavam o comportamento do casal de amigos quando estavam juntos. Com ela, Apolo não era apenas educado e isso era nítido para quem quisesse enxergar.

Flertar com Bianca era algo natural e espontâneo, e ele adorava o tom rosado das suas bochechas sempre que falava algo mais ousado. Era engraçado vê-los interagir. Apolo sempre ficava nervoso perto de Bianca, contudo, após algumas palavras tudo voltava ao normal. Ele traçou diversos planos para conquistá-la, queria-a como jamais quis outra mulher. Entretanto, preferiu ir com calma, dar um passo de cada vez. Sua mãe o ensinou desde muito pequeno que os sentimentos são delicados como as mais belas flores. Elas precisam ser cuidadas com muito zelo para que floresçam no tempo certo.

E era isso o que Apolo fazia todos os dias. Conversavam sobre tudo, se ouviam e se entendiam. Apolo respondia a tudo com palavras sábias e mostrava para Bianca sempre o lado positivo dos problemas. O papo ganhou um tom mais íntimo, a frequência com que trocavam mensagens aumentou e as ligações já não eram mais de minutos, apenas. Compartilhavam tudo um com o outro, da hora que acordavam até a hora em que iam dormir.

Apolo aproveitou todas as oportunidades possíveis para estar com ela. Gostava de mostrar para Bianca que ela era especial e que a sua presença era importante. Estar ali, lado a lado, se completando e se conectando a ponto de se apaixonarem um pelo outro e se transformarem em um só.

*“Teu jeito rima com o meu.
O tom albino da tua pele me contrasta.
Meu toque até te escolheu pra te fazer casa.”
(Tua – Ana Vitória)*

Quatro

Era a primeira semana, em meses, que Apolo não via Bianca. Passou toda a semana em São Paulo em um *workshop* para profissionais da sua área e, quando chegou, descobriu que ela estava de plantão. Seus meio-irmãos resolveram aproveitar que todas as mulheres estavam ocupadas para se reunirem em uma 'noite dos meninos'. Cerveja, sinuca, pôquer e futebol. Algum tempo atrás, Apolo acharia aquela noite perfeita, mesmo que não fosse ficar até o final, mas naquele momento, só queria estar com Bianca e matar a saudade que sentia.

Já era tarde e Apolo já estava na terceira bebida quando Arthur e Miguel chegaram. Estavam bem animados, rindo e falando alto. Ao que a conversa indicava, haviam feito uma aposta com Renata e Ana sobre quem comeria mais fatias de pizza e é claro que a loira venceu e os rapazes tiveram que dividir a conta.

— Renata não quis vir? — Petrus perguntou sem tirar os olhos das cartas em sua mão.

— Não, ela e Ana estão tendo a noite das meninas — Miguel respondeu.

— E não, Petrus, a Ana não vai vir. — Arthur brincou fazendo o

médico bufar.

Apolo, que estava jogado no sofá, riu sem tirar os olhos do telefone, esperando algum sinal de Bianca. Mais cedo naquele dia, ela tinha ligado para ele chorando, contando que tinha recebido o corpo de uma menina que tinha sido violentada. Apolo quis chorar com ela e o seu coração rasgou ao ouvir a voz quebrada pelos soluços, mas se manteve firme, tentando confortá-la, mesmo que à distância. Suspirou e abriu o aplicativo de mensagens, mas ela não estava *online*.

Enquanto isso, Eros observava o irmão de longe. Estava sentado à mesa jogando pôquer e julgou que aquele era o momento mais oportuno para falar sobre algo que martelava em sua cabeça desde que o viu chegar à casa de Lúcios. Clareou a garganta, chamando a atenção dos outros jogadores e olhou para as cartas em sua mão, pensando sobre a sua próxima jogada.

— Desde quando Apolo está apaixonado? — perguntou casualmente.

O silêncio repentino fez com que Eros erguesse os olhos para encarar seus amigos. Petrus fitou o caçula da família com uma expressão surpresa e, logo depois, virou o rosto para olhar para Apolo e franziu a testa. Fazia sentido seu irmão estar apaixonado. Nunca tinha visto Apolo tão distante, muito menos tão aficionado ao celular.

Arthur tentou segurar a gargalhada, mas falhou miseravelmente, atraindo a atenção de todos para si mesmo. Apolo bufou e colocou o telefone de lado, encarando os homens ali presentes. Todos o olhavam, como se estivessem aguardando que ele fizesse alguma declaração a respeito. Balançou a cabeça e esfregou a mão na sua bermuda *jeans* antes de caminhar e puxar um dos banquinhos para se sentar junto aos rapazes na mesa.

Eros teve a decência de ficar envergonhado quando o olhar de Apolo cruzou com o seu. Ainda assim, deu de ombros e tomou um gole da cerveja.

Era curioso por natureza e as palavras já tinham saído de sua boca. Não tinha mais como voltar atrás.

Apolo apoiou os cotovelos na mesa e tentou ficar o mais relaxado possível. Não era segredo que nutria sentimentos por Bianca e, mesmo que fosse, jamais esconderia esse tipo de coisa de seus irmãos e amigos.

— Conta para eles da ruivinha. — Arthur cochichou alto e gargalhou logo em seguida.

— Sério, Arthur, você não é normal... — Dionísio comentou e olhou para Apolo, sorrindo. — Ruivinha?

Miguel, que estava sentado no minibar junto de Dionísio também se virou, mas seu foco estava no sorriso iluminado no rosto do mais velho dos irmãos Timberg.

Apolo respirou fundo e olhou para as próprias mãos. Ele não tinha dúvidas a respeito do que sentia por Bianca, porém não sabia como transformar aqueles sentimentos em palavras. Ele não a amava. Pelo menos, ainda não. Mas sentia que ela era a escolha perfeita para uma companheira de vida. Sabia que uma garota como ela era para a vida inteira.

Sorriu, com os olhos brilhando e desabafou:

— Eu conheci a garota.

— A garota? — Petrus quis confirmar. — Tipo, a garota dos seus sonhos?

O albino estava feliz por não ser o centro da conversa, como normalmente acontecia depois de algumas cervejas. Sua expressão de surpresa deu lugar a mais pura curiosidade enquanto olhava no fundo dos olhos de Apolo.

— Sim, Petrus — Apolo balançou a cabeça de um lado para o outro,

ainda sorrindo. — A garota. E eu vou fazer o impossível para me transformar no homem dos sonhos dela.

Os irmãos se encararam por um tempo que pareceu longo demais. Todos na sala estavam mudos, fazendo o suspiro de Apolo soar mais alto do que realmente foi.

Bianca não era só a sua ursinha. Era a mulher que havia dominado todos os seus pensamentos, que se enroscou em todos os seus planos e se apossou de todos os seus sentidos. Apolo respirava Bianca. Vivia Bianca. E queria mais.

Petrus sequer precisou ouvir a resposta do irmão. Sorriu, compartilhando com ele a felicidade de amar alguém. Torcia para que a tal ruiva correspondesse aos sentimentos de Apolo.

Eros observava a interação silenciosa entre os seus irmãos. Todos ali sabiam que Petrus era apaixonado por Ana, mesmo que ele jamais houvesse confirmado tal coisa. E então mais um de seus irmãos era arrebatado por esse sentimento que para ele ainda era desconhecido. Eros nunca tinha se apaixonado e esperava ansioso por sua vez de viver o amor.

Todos queriam conhecer Bianca e ver com seus próprios olhos a mulher que enlaçou o deus grego da família.

— Minha garota... — Apolo passou a mão pelo cabelo e seu sorriso alargou antes de continuar: — Soa piegas, mas é a realidade. Bianca me tem por completo. Inteiro. Meu corpo deseja o dela, minha alma se conectou a dela e meus pensamentos pertencem a ela. É como se a vida inteira eu tivesse vivido sem uma parte minha e aí, do nada, eu me sinto completo. — Coçou o queixo e suspirou. — Eu não sei como ela vai reagir quando entender que o meu sentimento por ela vai muito além da amizade, ou como vai ser depois que ela descobrir e não me quiser mais por perto. Eu...

Dionísio viu o irmão engolir em seco e olhou para Miguel. Sabia exatamente o que Apolo estava sentindo. E aquelas emoções eram mais comuns do que imaginavam. Às vezes, era preferível manter os sentimentos guardados a sete chaves e se permitir viver ao lado da outra pessoa como amigo, do que se declarar, expor os seus sentimentos, ficar vulnerável e ainda levar um fora e perdê-la para sempre.

Arthur já tinha perdido um bom dinheiro no pôquer e tomado algumas latinhas de cerveja. Cruzou os braços sobre a mesa e olhou de Apolo para Petrus, pensando. Aqueles irmãos tinham mais coisas em comum do que sabiam. Miguel, que estava distante, soltou uma leve risada quando reconheceu o olhar de Arthur. Conhecia-o bem demais para saber o que ele pretendia aprontar.

— Petrus, você pode ir comigo até a varanda? Depois dessa declaração eu preciso de um cigarro.

— Eu não fumo, Arthur — bufou. — E nem você deveria. Já conversamos sobre isso.

Arthur revirou os olhos e continuou:

— Eu preciso falar com você em particular. É importante!

Petrus se levantou a contragosto e fez uma careta, já sabia pelo tom de Arthur que ele queria algo sério e um arrepio cruzou a sua espinha, confirmando isso.

Ao chegar na pequena sacada, Petrus parou um pouco afastado de Arthur, mais próximo ao parapeito. Era médico e se recusava a ficar próximo da fumaça do cigarro. Abominava o ato de tragar veneno, mas o seu lado humano aceitava que todos tinham as suas escolhas, assim como acreditava que todos enfrentariam as consequências, cedo ou tarde.

— Então... — Petrus cruzou os braços em frente ao peitoral e encarou o amigo.

— Você gosta da Ana. — Não era uma pergunta. Arthur sabia. Era nítido na forma como Petrus olhava para ela, afinal, era a mesma forma que ele olhava para Renata, mesmo que não gostasse de admitir.

— Claro que gosto. Ela é a nossa melhor amiga, quase uma irmã para nós.

Arthur deu um trago no cigarro enquanto revirava os olhos.

— Não, Petrus. — Soltou a fumaça. — Você realmente gosta dela. Eu sei.

Petrus podia mentir, mas estava cansado de esconder os seus sentimentos. Arthur não era conhecido por fazer fofoca. Na verdade, se tinha alguém que sabia como guardar segredo, esse alguém era Arthur. Então, sim, Petrus tinha o hábito de fingir que não sentia nada por Ana, mas o tom de voz que Arthur usou para falar aquilo... Era como se ele precisasse da resposta. Como se existisse a necessidade de uma confirmação.

— Eu sou apaixonado pela Ana desde o dia em que a conheci.

Arthur sorriu ao mesmo tempo em que Petrus desviou os olhos para fitar o jardim de rosas abaixo deles. Assumir em sua mente que amava Ana era normal. Mas falar em voz alta sobre isso era algo que o deixava constrangido.

— Perfeito! — Arthur apagou o cigarro no cinzeiro e lançou para Petrus o seu melhor sorriso maroto. — Eu tenho um plano. E vou precisar de você para ajudar o Apolo.

*“No nosso livro, a nossa história
É faz de conta ou é faz acontecer?
Acontecerá.”*

(Nosso Pequeno Castelo – O Teatro Mágico)

Cinco

Miguel se virou na cadeira e tentou ver o que Arthur fazia com Petrus na varanda. Seu melhor amigo estava aprontando alguma coisa e ele o conhecia bem o suficiente para ter uma pequena ideia do que poderia ser. Sorriu e se virou para o minibar novamente ao mesmo tempo em que tomava um gole da sua cerveja. Torcia para que seu raciocínio estivesse certo e que o plano de Arthur envolvesse Petrus, Apolo e suas respectivas amadas.

Com o canto dos olhos, fitou Dionísio e sentiu seu coração saltar uma batida. Os olhos cor de café estavam focados nos seus e tinha algo ali que Miguel não soube identificar. Um arrepio correu por sua pele e ele pigarreou, desviando o olhar.

— Você acha que um dia Petrus vai se declarar para a Ana? — Tentou puxar conversa.

Dionísio observava Miguel por cima do copo. Estava começando a ficar irritado com ele por não tirar os olhos de Arthur. Ciúme não era algo com o qual ele estava acostumado a lidar, mas depois de se aproximar do loiro de olhos verdes, esse sentimento passou a se tornar cada vez mais frequente.

Passou a mão no rosto e tentou esconder qualquer expressão que o entregasse. Tinha ciência de que eram apenas amigos, para a sua infelicidade. Mas quando o via olhar para qualquer outro homem, não conseguia retraindo a

sensação desesperada que o invadia. Tomou mais um gole do seu uísque e lambeu os lábios, ainda olhando para Miguel.

— Eu acho que a maioria das pessoas só precisa de um empurrão para confessar os seus sentimentos.

— Um empurrão como o quê?

— Um momento a sós, um pouco de álcool... — Dionísio respondeu dando de ombros.

Miguel observou o rosto de Dionísio por alguns segundos. Realmente lembravam o rosto de um deus grego esculpido em mármore, tão másculo e belo. O queixo quadrado estava coberto pela barba bem-feita, o nariz reto e os olhos de uma cor quente, davam a ele um ar de pecado. Era o tipo de homem que se você experimentasse uma única vez, jamais esqueceria do sabor, da textura da pele, da intensidade do toque. O tipo de homem que te arrebatava e te deixava sem fôlego e quando vai embora, somente ficam os rastros de destruição.

— Você não parece o tipo de homem que precisa dessas coisas.

Dionísio o encarou por um tempo que pareceu longo demais e com uma intensidade infinita, antes de responder.

— Eu não preciso. — Tomou mais um gole da bebida escura e se levantou. — Eu só preciso perceber que a pessoa também está interessada.



Apolo tinha um sorriso enorme no rosto e estava empolgado contando absolutamente tudo sobre Bianca. Eros sentia-se íntimo da ruiva, mesmo sem conhecê-la. O caçula olhava atento para o irmão, sem querer perder um

detalhe sequer e percebeu o exato momento em que os seus olhos focaram longe, como se Apolo estivesse em um passado recente, revivendo cada momento que viveu com Bianca.

Dionísio se sentou próximo de seus irmãos e sua gargalhada se mesclou a deles enquanto Apolo contava sobre Bianca. Ela era muito estabanada e por isso, não faltavam momentos engraçados para compartilhar. Apolo se lembrou do dia em que não pode acompanhar a sua série porque estava em uma reunião com Arthur e ficou trocando mensagens com ela, que quase caiu da esteira ao ler os comentários que ele fazia sobre o macacão que ela usava.

A história que Eros mais gostou de ouvir era sobre uma ida ao cinema. Eles foram assistir à estreia de um filme e só conseguiram vaga para a última sessão. Mesmo que Bianca estivesse exausta depois de um plantão, ela quis ficar. Então, quando Apolo a viu cochilar, cutucou a sua cintura com o indicador. O que ele não sabia, é que Bianca sentia cócegas. A ruiva gritou e deu um pulo da cadeira, jogando pipoca para todos os lados ao mesmo tempo em que tinha uma crise de riso escandaloso.

Era fácil simpatizar com Bianca, ela parecia ser uma pessoa simples e divertida. A forma como Apolo falava dela deixava claro o quanto estava apaixonado e isso, naquele momento, bastou para que todos a aprovassem. Uma história em particular deixou a todos perplexos, principalmente Dionísio e Eros que trocaram um olhar espantado, quando Apolo narrou a primeira vez em que dividiu a cozinha com ela.

— Espera! — Miguel puxou um banco e se sentou junto a eles. —

Você cozinhou para ela?

— Não, Miguel. — Apolo revirou os olhos e riu. — Nós cozinhamos juntos.

Apolo pegou a cerveja de Eros e tomou um gole fazendo uma careta logo em seguida. Ele gostava de cerveja, mas quando estava gelada. Olhou para os meninos e sorriu de lado, um pouco sem graça quando entendeu o motivo de suas expressões.

— Você não deixa ninguém tocar naquela cozinha... — Eros comentou e Apolo deu de ombros enquanto tamborilava os dedos na mesa.

— Ela é especial — falou como se isso fosse óbvio.

Apolo amava cozinhar. Era algo que ele só compartilhava com quem realmente era importante para ele. Dizia que havia mais no ato do preparo do alimento do que as pessoas se davam conta. Misturar sabores era pura alquimia e a troca de energia quando tocávamos nos ingredientes era o tempero especial. O que realmente decidia se a comida ficaria boa, ou não. Por isso, Apolo só cozinhasse pensando em coisas boas, assim quando as pessoas comessem, absorveriam a energia positiva e ficariam um pouco menos tristes. E dividir a cozinha com Bianca foi uma experiência surreal. Talvez tenha sido o ensopado mais gostoso que já fez.

Suspirando, Apolo voltou para aquela noite, onde quase a beijou pela primeira vez. A forma como se tocavam enquanto cozinham eram como preliminares que enviavam ondas de prazer por todo o seu corpo. A conversa que fluía era leve e descontraída e ajudava a manter o clima romântico. No

final da noite, levou-a até o carro, a chuva fina molhava os cabelos ruivos e Bianca sequer se importava. O coração de Apolo se apertou ao recordar da textura dos lábios rosados sob o seu toque e o olhar de Bianca que implorava para ser beijada, mas ele não podia beijá-la ali. Não daquele jeito, como uma despedida.

Quando seus lábios se tocassem pela primeira vez, Apolo faria ser inesquecível. Algo dentro dele dizia que Bianca seria a última mulher que beijaria. E a beijaria para o resto de sua vida.



— Uma aposta? — Petrus encarava Arthur com uma expressão incrédula. — Você acha que uma aposta vai levar Apolo a tomar uma iniciativa com a garota?

— Faria você dar um passo em direção à Ana, não? — Arthur soltou a fumaça pela boca e apagou o cigarro no cinzeiro.

Petrus respirou fundo e olhou na direção de Apolo. O sorriso no rosto do irmão foi o argumento que Petrus precisava para aceitar o plano infantil de Arthur. Além do mais, ele tinha razão, uma aposta era uma ótima desculpa para se aproximar de Ana, só precisava que Apolo vencesse.

Caminhou para dentro e deu um tapa de leve no ombro de Apolo quando passou por ele, fazendo-o voltar para o presente e se ajeitar na cadeira.

— Você está mesmo gostando dessa tal de Bianca, não é? — Petrus se sentou e tomou um gole da sua água antes de sorrir cúmplice para o irmão.

— Eu estou completamente apaixonado por ela — Apolo sussurrou.

— E o que falta para vocês ficarem juntos? Para você ir até ela e tomar alguma atitude? — Dionísio quis saber.

Apolo ponderou antes de responder. Sabia que não adiantava enrolar seus irmãos, eles o conheciam bem demais para isso. E era bom desabafar, colocar para fora as suas inseguranças e, quem sabe, ter o apoio e incentivo necessários para perder o medo.

— Eu tenho medo — Apolo falou tão baixo que os homens precisaram se aproximar para entender.

— Você tem medo? — Eros bufou. — Fala sério, Apolo!

— Eu não estou brincando, pirralho! — Apolo respondeu, tenso. — E se ela só quiser ser a minha amiga? E se eu me declarar e ela se afastar? A gente tem uma conexão tão boa, e eu não quero perder isso.

— É impossível ser feliz se você ficar pensando nas várias consequências que uma decisão pode acarretar, Apolo.

— Você não entende, Baco. Eu gosto tanto dela que não me importaria de viver das migalhas, sabe? Se a amizade dela é tudo que eu posso ter por enquanto, então é isso que terei. Sem reclamar.

— Mas ela nunca demonstrou nada? — Eros perguntou espantado.

— E como eu vou saber se é coisa da minha cabeça ou realidade? — Apolo passou a mão pelo rosto e encarou Petrus. Sabia da paixão do seu irmão pela sua melhor amiga e via como ele parecia ser o único naquela mesa que o entendia. — Eu não posso arriscar, entende? Ela é realmente importante pra mim, Petrus.

— Eu entendo melhor do que você imagina... — Petrus respondeu cabisbaixo. — Ainda assim, no seu lugar, eu arriscaria.

Apolo ergueu uma única sobrancelha sem acreditar no que o irmão

estava dizendo. Queria rir e jogar na cara dele as inúmeras oportunidades que teve de conquistar Ana e não aproveitou. Não precisou abrir a boca. Sua expressão foi o suficiente para que Petrus notasse a hipocrisia em suas palavras e fizesse uma careta.

— O que eu quero dizer é que o não você já tem. O que custa arriscar?

Dionísio foi o único a perceber que aquele questionamento de Petrus era mais para si mesmo do que para Apolo. Como mais velho, conseguia ler facilmente cada um dos seus meios-irmãos. Foi então que ele entendeu o que Arthur fez e sorriu disfarçadamente para o amigo que piscou um dos olhos de volta para ele.

— Por que você não arriscou? — Eros não percebeu o que tinha perguntado até que viu a dor nos olhos cinzas de Petrus.

— Porque a garota que eu gosto é mais do que minha amiga, ela é parte da família. — Petrus riu sem achar graça e encarou os olhos escuros do irmão. Eles precisavam ser corajosos para o que o destino os reservava. — Você vai se declarar para ela, não vai?

— Eu não vou conseguir guardar esses sentimentos para sempre...

— Duvido que você vá falar qualquer coisa antes do dia dos namorados.

Apolo olhou para Arthur com uma expressão desafiadora e falou:

— Você acha que eu vou demorar tanto assim para tomar coragem? — Apolo balançou a cabeça em negativa e respirou fundo. — Até parece que você não me conhece.

— Você quem disse que tem medo...

— E tenho, porra! — grunhiu. — Mas a paixão não é algo que dê para disfarçar por muito tempo. Uma hora ou outra eu vou sufocar e precisar

colocar para fora.

— Eu aposto que você ainda vai remoer isso por muito tempo antes de tomar alguma iniciativa — Petrus falou enquanto embaralhava as cartas da mesa.

— Você quer apostar comigo, branquelo? — Apolo coçou a barba, cansado.

— Sim, grandão. — Petrus colocou o bloco de cartas no centro da mesa e olhou para o irmão. — Eu aposto que você não vai chamar a Bianca para sair e se declarar. Pelo menos, não antes do dia dos namorados.

— Se eu fizer isso você chama a Ana para sair e se declara para ela também? — Apolo olhou para o irmão com os olhos cerrados.

Petrus pensou por um minuto, ciente de ser o centro das atenções naquele momento. Todos ansiosos aguardando a confirmação daquilo que ele deixou guardado por tantos anos. Acenou afirmativamente enquanto olhava sério nos olhos de Apolo, para logo em seguida os dois selarem o acordo com um aperto de mãos.

— Fechado. Se eu conseguir a ursa para mim, você leva Ana para um dia dos namorados romântico. Isso sim é um belo incentivo...

Petrus riu e sentiu as bochechas corando. Nunca imaginou um dia estar no mesmo barco que Apolo, muito menos que remariam juntos em direção à linha de chegada.

— Tenho uma excelente ideia para esse dia dos namorados romântico do Petrus e da Ana — Eros comentou, animado.

— Vocês realmente acreditam que Apolo vai tomar coragem em três meses? Cheio de medo do jeito que ele está? — Arthur interveio.

— Quanta fé em mim, hein Arthur!

— Falei mentira? Vocês dois só enrolam... Parece até coisa de família.

Apolo deu um tapa na mesa e encarou o amigo com determinação no olhar. Ergueu a mão, apontando o indicador em sua direção e sorriu perversamente.

— Eu vou ganhar essa aposta. Agora é uma questão de honra!

Dionísio riu e cutucou Eros com o braço.

— Acho que nós já podemos começar a planejar algumas surpresas para o dia dos namorados do branquelo com a magrela. — Piscou um dos olhos fazendo o caçula gargalhar.

— Nossas mães vão surtar quando souberem dessa aposta! — Eros sussurrou, fazendo Dionísio jogar a cabeça para trás, gargalhando.

*“Mas, querida, apenas me beije devagar.
Seu coração é tudo o que eu tenho.
E, em seus olhos, você está segurando o meu.”
(Perfect – Ed Sheeran)*

Seis

— Ei, magrela! — Apolo gritou assim que avistou sua amiga entre as pessoas espalhadas pela praça. — Será que tem espaço para mais alguns voluntários?

Bianca tentou não demonstrar o seu desapontamento quando Apolo soltou sua mão e caminhou a passos rápidos para perto da bela morena. Sentiu seu estômago contrair ao vê-lo piscar de forma íntima e, rapidamente, desviou os olhos, observando as diversas tendas montadas ao redor.

— Esse é o tipo de coisa que você não precisa sequer perguntar! — Os lábios de Ana se esticaram formando um enorme sorriso diante do amigo. Ajudar ao próximo era o combustível de sua alma e quanto mais profissionais se unissem àquela causa, mais pessoas seriam ajudadas. — Só preciso saber a área de atuação de cada um — olhou para a prancheta em sua mão e mordeu a ponta da caneta —, aí poderei enviá-los para as tendas certas.

— Olha ela falando igual gente grande! — Eros a puxou para um abraço forte, erguendo-a no ar por alguns segundos.

Bianca mordeu o lábio inferior tentando conter o riso, aquele irmão caçula tinha o seu charme. Pensando bem, todos os irmãos de Apolo eram muito simpáticos, pena que a olhavam como se fosse um experimento de

laboratório. Percebeu que eles até tentavam disfarçar, mas falhavam miseravelmente quando o assunto era observar a sua interação com Apolo.

— Você é médica, não é? — Petrus retirou os óculos escuros e o prendeu na gola da camisa. Sorrindo, virou-se para ficar ao lado de Bianca.

— Sou sim, mas não tenho muita familiaridade com gente viva.

— Você é legista?

Bianca confirmou com a cabeça enquanto abria um sorriso simpático para Petrus.

— Estou querendo fazer outra especialidade, mas para isso eu precisava de uma semana com dez dias. — Fez uma careta e ouviu Petrus gargalhar ao seu lado.

— Vai ser interessante ter você por perto, Bianca. — Petrus a empurrou com o ombro. — Agora me conta: qual a sua próxima especialidade?

Bia olhou para ele com o canto dos olhos e sorriu de lado.

— Eu pensei em neurologia ou cardiologia. — Petrus a olhou espantado e Bianca aumentou o seu sorriso. — Ou eu poderia ser uma ótima pediatra.

Petrus assobiou e acenou afirmativamente.

— Você não pensa baixo...

— Pelo que Apolo me contou você é oncologista, não é?

— Sou. E não, eu não me vejo trabalhando com outra coisa.

— Eu também não me vejo trabalhando fora do necrotério. — Bianca olhou para o chão e suspirou. — Acho que tenho medo de falhar com os vivos, e acabar mandando-os para lá.

Petrus colocou a mão no ombro dela e deixou um aperto firme.

— Nós somos seres humanos, suscetíveis a erros. — Petrus suspirou pesarosamente. — E acredite, cunhadinha, nós cometemos muitos erros, infelizmente.

Bianca abriu os olhos, espantada, ao ouvir a forma como Petrus a chamou. Ela tinha certeza de que suas bochechas estavam coradas e sentiu vontade de enfiar a cabeça em algum buraco no chão. Por isso, respirou fundo e tentou fingir que aquilo não era nada demais.

— De qualquer forma — deu de ombros —, vai ser legal ter um colega por perto. Faz tempo que não lido com pressão arterial ou níveis de glicose.

Petrus riu, descontraindo o clima pesado que havia se instalado e eles emplacaram em uma conversa sobre alguns artigos que falavam a respeito de diabetes e hábitos alimentares que ajudam a manter a doença controlada.

Dionísio abraçou Ana e deixou um beijo em sua testa antes de se afastar e acariciar o seu rosto. Ela era como uma irmã caçula para ele e ficava feliz por vê-la radiante.

— Você deveria ser assistente social, não nutricionista. — Ao ouvir essas palavras, Ana sorriu e mostrou a língua para o mais velho dos Timberg.

— Não mesmo! Eu não teria psicológico algum para a maioria das situações. — Ana reparou que Petrus havia ficado para trás enquanto conversava com uma ruiva muito bonita e engoliu em seco, voltando a olhar para Dionísio. — Vocês sabem como o meu coração é mole.

Apolo olhou para onde Ana tinha focado um segundo antes e logo entendeu o desconforto da amiga. Inclinou a cabeça para o lado e observou enquanto um de seus irmãos conversava com Bianca. Um sorriso surgiu em seu rosto ao ver que Petrus a provocava e se virou para encarar Ana, disposto a melhorar um pouco o clima que se instaurou.

— Eu trouxe a minha ursa para você conhecer... — comentou baixinho e Ana rapidamente se virou e o encarou com os olhos arregalados. — Deixa eu te apresentar a ela?



Petrus e Bianca caminharam mais alguns passos, ainda entretidos na conversa. Ao se aproximarem do grupo, a primeira coisa que Bianca reparou foi na forma como ele olhava para aquela que Apolo chamou de magrela, assim como a intensidade com a qual ela devolvia o olhar de Petrus.

— Oi, Pê. — Ana fechou a distância entre eles e o envolveu em um abraço apertado. Na mesma hora, Bianca percebeu naquele abraço, sentimentos além da amizade.

Bianca se sobressaltou ao sentir a palma quente de Apolo envolver a sua e fechou os olhos quando os lábios dele tocaram a pele de sua bochecha.

— Magrela, essa é a Bianca. — Ana se virou e a encarou por um segundo antes de sorrir e a puxar para um abraço. Já tinha ouvido falar muito a respeito da ruiva que conquistou o mais quente dos irmãos Timberg, mas ver os dois juntos, os sentimentos fluindo a cada gesto, a cada toque e a cada olhar, fez com que Ana sentisse uma pontada de inveja. Queria que alguém a olhasse do mesmo jeito que Apolo olhava para Bianca. Na verdade, queria que Petrus a olhasse e tocasse daquele jeito.

— Você é linda, Bianca! Apolo falou maravilhas a seu respeito. — Sorriu em direção a ela.

— Você o conhece bem e sabe que ele costuma ser bem exagerado. — Bianca deu de ombros sorrindo e Ana gargalhou.

— Eu não acho que ele tenha exagerado, não. — Eros se meteu no assunto fazendo Apolo fechar a cara em sua direção.

— Vem comigo. — Ana puxou Bianca pela mão em direção a uma das tendas montadas. — Apolo me disse que você é médica, então podemos ficar juntas na barrada da saúde. E vocês — ela apontou para o palco montado no centro da praça —, alongamento para idosos!

Entre uma aula e outra, Apolo corria até a tenda de saúde e ficava de longe admirando a interação de Bianca com os pacientes, em especial com as crianças. Quando o relógio apitou avisando que já era meio-dia, ele caminhou até ela e a puxou para um canto mais escondido pelas árvores.

Apolo se recostou em um tronco e apoiou a cabeça, fechando os olhos.

— Eu estou morto — murmurou.

Bianca achou graça e apoiou o isopor com o lanche no chão para logo depois usar as mãos para fazer Apolo afastar as pernas. Deitou com as suas costas apoiadas no peito dele e fechou os olhos, se deliciando com o canto dos pássaros.

— E eu preciso comer. Depois posso desmaiar de cansaço sem problemas. — Sorriu ao sentir o peito de Apolo tremer com a sua risada.

Apolo esticou uma das mãos e abriu o isopor, pegando um dos sanduíches e retirou o papel alumínio até a metade, entregando-o para Bianca e fazendo o mesmo com um para ele.

A pasta de atum estava cremosa na medida certa e o pão tinha a casquinha crocante, do jeito que Bianca gostava. Ela passou o dedo pela lateral do sanduíche, pegando o excesso da pasta e lambeu, gemendo.

— Devia ser proibido gemer assim enquanto come.

— Isso está uma delícia. — Repetiu o gesto e gemeu mais uma vez,

ainda mais alto e Apolo se remexeu atrás dela.

— Porra, Bianca. — Ela riu e jogou a cabeça para trás, batendo no peitoral dele enquanto gargalhava alto.

Apolo adorava a melodia que compunha a risada dela. Traçou com o olhar cada linha de expressão que surgia em seu rosto enquanto ela se desmanchava em risos. Os dentes perfeitamente alinhados, e a forma como os lábios se esticavam, e os olhos que brilhavam como o mais perfeito cristal. Todo um conjunto que formava a mais perfeita obra de arte.

Bianca foi parando de rir aos poucos e foi aí que se deu conta de que havia girado para ficar praticamente de frente para Apolo. Emudeceu diante da intensidade do olhar dele e mordeu o lábio inferior, sem querer estragar o momento. Aproveitou para observá-lo também. O rosto quadrado, másculo, com a barba rala por fazer e os olhos cor de chocolate que ela tanto amava. Olhos que, de tão transparentes, mostravam a alma. Mas o que Bianca mais gostava de olhar era a boca. Aqueles lábios grossos na medida certa e que pareciam desenhados pelo mais renomado artista.

Permitiram-se ficar perdidos naquele momento. O coração de Apolo pulsava cada vez mais forte e rápido no peito e suas mãos suavam como as de um adolescente prestes a dar o primeiro beijo.

Sem perceber, aproximaram-se ainda mais um do outro, até que Apolo apertou seus braços ao redor dela e subiu uma mão, pousando-a na nuca de Bianca, acariciando-a. Enfiou os dedos nos cabelos ruivos, sentindo a textura dos fios e a viu fechar os olhos, como se apreciasse o seu toque.

Bianca sentiu a respiração de Apolo bater em seu rosto e abriu os olhos, encontrando os dele tão próximos que por pouco não se perdeu naquela imensidão. Ali, Bianca teve a certeza de que o seu coração já não mais lhe pertencia. Ele era de Apolo. E ela estava disposta a entregá-lo sem se

importar com as consequências. Passou a língua pelos lábios e inclinou a cabeça até que seus lábios tocaram os dele.

O beijo foi casto, mas carregado de um significado enorme. Apolo foi pego de surpresa e não conseguiu reagir quando sentiu algo explodir dentro dele. Segurou o rosto de Bianca com as duas mãos e a manteve prisioneira por alguns segundos. Precisava abrir os olhos e ter certeza de que aquele momento era real.

Afastaram-se somente alguns centímetros, o suficiente para que Bianca também abrisse os olhos.

— Você também sente isso, não é? — ela sussurrou.

— Ah, ursa... — Apolo encostou a testa na dela e sorriu. — Se você soubesse a metade do que eu sinto, sairia correndo daqui.

Bianca ofegou quando os lábios de Apolo roçaram nos seus e sentiu o sorriso dele aumentar. Esfregou o nariz na pele morna, aspirando o aroma de pitanga que era tão característico dela. Deixou um beijo demorado em sua bochecha e virou o rosto, até que sua boca ficou próxima do ouvido dela.

— A próxima vez que você gemer daquele jeito, ursa — sussurrou com a voz rouca —, será na minha cama. E eu estarei dentro de você.

Bianca fechou os olhos e puxou o ar com força sentindo uma leve contração em seu ventre. As palavras de Apolo acenderam um fogo em seu corpo e ela se remexeu desconfortável.

Ao abrir os olhos encontrou Apolo encarando-a com um sorriso safado no rosto. Seus olhos estavam escuros e famintos. Ele era um homem tão sexy que deveria ser considerado um pecado encarnado.

— Acho melhor voltarmos... — ele falou como se nada tivesse acontecido segundos atrás.

Bianca estava apaixonada e estava ciente disso. Concordava que o melhor era retornarem aos seus postos e ocuparem as mentes com qualquer outra coisa que não fosse os sentimentos que tumultuavam os corações deles.

Apolo se levantou e estendeu a mão, puxando Bianca em seguida. Ela havia dado o primeiro passo, um sinal claro do que queria. E Apolo faria a sua escolha valer a pena. No fundo do seu coração, desejava que não fosse louco e que Bianca nutrisse por ele os mesmos sentimentos que ele sentia por ela.

*“Estranho seria se eu não me apaixonasse por você
O sal viria doce para os nossos lábios.
Colombo procurou as Índias, mas a terra avistou em você.”
(All Star – Nando Reis)*

Sete

— Merda! — Bianca fechou a porta do carro com força e saiu para a chuva sentindo as grossas gotas escorrerem por seu rosto e encharcarem as suas roupas. Ao mesmo tempo, um vento gelado batia contra sua pele, fazendo-a tremer de frio. — Desiste, Apolo, vou chamar o guincho.

Apolo fechou o capô com delicadeza e limpou as mãos nos jeans surrados. Puxou o celular do bolso, pensando em ligar para um dos seus contatos que poderiam ajudar.

— Eu conheço um, mas vou precisar do seu cartão do seguro.

Bianca nem tentou disfarçar quando olhou para Apolo dos pés à cabeça, deliciando-se com os músculos definidos que ficaram moldados pela camisa de algodão que estava encharcada.

Apolo ergueu os olhos da tela do celular e viu quando Bianca mordeu os lábios encarando-o com os olhos famintos. Sorriu de lado, satisfeito por deixá-la daquela forma e fechou o espaço entre eles, até que seus corpos estavam praticamente colados.

— Não me olhe assim, urso.

A voz de Apolo tinha um timbre rouco que fez toda a pele de Bianca se arrepiar. Ela fechou os olhos e suspirou ao mesmo tempo em que sentiu a mão dele deslizar pela lateral do seu corpo, subindo até pausar em sua cintura e, por um instante, o gelo que percorria sua corrente sanguínea, se

transformou em fogo líquido.

— Assim como?

— Como se quisesse me devorar.

Bianca sorriu e abriu os olhos para logo depois apoiar as mãos no peitoral dele e ficar na ponta dos pés, colando ainda mais os seus corpos.

— Achei que isso tivesse ficado claro lá na praça. — Mordeu o queixo dele e o ouviu gemer com os olhos presos aos seus. — Agora, por que a gente não fica esperando o guincho dentro do carro?

Apolo suspirou e sentiu que o seu coração ia sair pela boca. Passou a língua pelos lábios de Bianca e ao sentir o gosto adocicado do desejo, não resistiu mais. Empurrou-a até que ela estivesse presa entre seu corpo e a lateral do carro.

A chuva caía sobre eles, mas nenhum dos dois se importou. Seus lábios se devoravam e suas línguas resvalavam uma na outra, assim como seus corpos que juntos se moviam procurando aplacar o fogo que os consumia.

Apolo sentiu o celular vibrar em sua mão e diminuiu a intensidade do beijo. Ofegante, se afastou de Bianca sentindo o seu corpo tremer enquanto retraía todo o desejo que corroía suas células nervosas. Olhou para a tela e viu que sua bateria estava acabando. Respirou fundo e depositou um beijo na testa de Bianca.

— Entra e veste a minha jaqueta. Eu vou ligar para o guincho.

— Você está fugindo, Apolo? — O tom de voz de Bianca era firme, mas Apolo sentiu a pontada de insegurança que vinha dela. Olhou-a e usou o polegar para traçar círculos em sua bochecha.

— Eu jamais fugiria dos meus sentimentos, Bianca. Jamais.



Depois de alguns dias, o grupo de amigos se reuniu no bar de sempre. Já era de madrugada e a chuva havia dado uma trégua, mas a temperatura continuava baixa. Ou melhor, baixa para os padrões cariocas. Afinal, vinte e dois graus, para alguns brasileiros, era calor.

Pararam na porta do bar e começaram a se despedir uns dos outros conforme iam pagando as suas comandas no caixa. Bianca pegou o celular em sua bolsa e abriu o aplicativo de carros particulares que usava sempre que bebia, mas não conseguiu finalizar o pedido porque Apolo puxou o aparelho de sua mão e o enfiou no bolso de trás da sua calça jeans enquanto a olhava com um sorriso safado, fazendo o coração de Bianca acelerar.

— Hoje eu vou te levar para casa. — Abaixou a cabeça até que seus lábios tocassem o ouvido dela e sussurrou: — E nós vamos passar a noite inteira juntos.

Bianca puxou o ar com força sentindo uma descarga elétrica percorrer o seu corpo e sorriu. Seu peito se encheu de expectativa e ela sentiu uma vontade enorme de pular em seu colo e agarrá-lo com toda a sua força.

— Você vai me deixar dirigir a sua moto? — Quis saber, empolgada.

Apolo riu e balançou a cabeça enquanto entregava o cartão para que a caixa fizesse o pagamento da sua comanda.

— Eu não bebi hoje, ursa.

Bianca bufou e cruzou os braços ao mesmo tempo em que rolava os olhos. Durante a última semana, Apolo tinha se afastado um pouco. Demorava para responder as suas mensagens, não ligava mais e quando o fazia era para

retornar — depois de horas — as suas ligações.

No fundo, a insegurança começava a roer os pilares do que tinham construído até ali e Bianca tinha medo de ter interpretado tudo de forma errada. Talvez Apolo tivesse visto nela uma amiga que pudesse se divertir de vez em quando, entretanto, ao mesmo tempo, ele falava de sentimentos e era a essas palavras singelas que ela se apegava.

Quando o viu com o capacete naquela noite, pensou em zombar e lembrá-lo de levá-la para um passeio, mas não teve oportunidade porque Apolo sentou-se distante e logo engatou em algum assunto animado com Miguel. O mais estranho era que se alguém percebeu o comportamento diferente, não disse nada.

— Então, me leva para casa, deus grego — pediu com a voz baixa e quando Apolo se virou para ela, trocaram um olhar cheio de cumplicidade e carinho. Bianca percebeu, então, como estava com saudade dele e daquela interação entre eles.

— Adoro esse apelido — comentou e revirou os olhos.

— Sabe que eu também? Acho que combina perfeitamente com você.

Apolo riu e encaixou suas mãos, puxando Bianca para a rua. Passou toda a semana planejando o cenário perfeito para que aquela noite acontecesse. Não queria ir rápido demais com Bianca, mas já não aguentava mais esperar para tê-la.

Antes de ir se encontrar com os seus amigos, Apolo levou uma cesta de piquenique e vinhos para o jardim da casa da sua mãe. Pode soar estranho, mas Catarina era uma mãe bastante cúmplice e, ao ouvir o plano romântico do filho, somente sorriu e prometeu dar-lhes privacidade. Era a prova definitiva de que Bianca havia ganhado o selo de aprovação de dona Catarina.

Bianca sorriu animada quando chegaram próximo a *Harley-Davidson* preta estacionada a poucos metros. Apolo não resistiu e sorriu também ao perceber a empolgação da ruiva. Sentia-se orgulhoso por ser, mesmo que indiretamente, o motivo daquele sorriso.

Parou, ficando de frente para Bianca que o olhou sem entender o motivo da mudança no clima. Ergueu a mão, acariciando a bochecha dela.

— Eu trouxe uma jaqueta e um capacete para você.

— Como você sabia que eu não estava de jaqueta? — Bianca perguntou desconfiada. Estava usando uma blusa de algodão simples de manga comprida e uma saia de cintura alta e rodada, que ia até os joelhos.

Apolo deu de ombros e entregou a jaqueta para ela.

— Maitê.

— Vocês andam conversando, é? — Bianca cerrou os olhos enquanto vestia a jaqueta.

— Você sabia que a sua irmã trabalha em um projeto beneficente em uma das comunidades carentes aqui perto? — Apolo subiu na moto e colocou o seu capacete. Antes que o espanto de Bianca passasse e ela pudesse responder, ele a puxou e encaixou o capacete, prendendo-o. — Eros é formado em música e estava procurando um lugar bacana para dar aulas. A Maitê estava na recepção conversando com a Marcela, Eros estava perto e acabou ouvindo e, como mágica, os dois emplacaram em uma conversa sobre a ONG. E, pelo que parece, Eros vai ser o novo voluntário.

— Uau. Eros e Maitê. — Bianca sorriu enquanto ignorava a careta que Apolo fez.

— Não.

— Será que rola? — Coçou o queixo.

— Não mesmo.

— Mas a Maitê é tão bonita e...

— Ursa? — Apolo a interrompeu. — Sobe e vamos. Eu estou com fome...

— Eu só acho que a gente podia ajudar eles e...

— Bianca!

— Estou subindo! Apressado — resmungou.

Apolo acelerou cidade adentro rumo a parte mais rural. A proximidade do corpo de Bianca o deixava mais alerta, como um lembrete de que deveria ir mais devagar porque tinha alguém na garupa.

Bianca amava a liberdade que sentia ao andar de moto. Lembrava-se das poucas vezes em que seu pai, Rafael, a levava para passear com o moto clube que ele fazia parte. O vento batendo em seu rosto e a forma como o seu corpo parecia flutuar a cada curva, fazia uma nova dose de adrenalina entrar em sua corrente sanguínea.

Ficou tensa quando percebeu que faziam um caminho ao qual não conhecia. Queria saber para onde iam, mas não queria fazer Apolo se sentir mal, por isso encostou a cabeça e o abraçou mais forte, deixando que ele os guiasse para onde quer que fosse.

Entraram em um condomínio particular que parecia bem monitorado pela segurança. As ruas de paralelepípedos eram largas e bem iluminadas, apesar das árvores que cresciam nas calçadas. As casas seguiam um padrão simples, mas muito bonitas e tinham em comum a falta de muros, sendo rodeadas por lindos jardins.

Estacionaram diante de uma das casas geminadas. O jardim da frente era lindo, recheado de luminárias que ressaltavam os diversos tipos de

roseiras cultivados ali. Apolo ajudou Bianca a descer da moto e a puxou pela mão enquanto seguiam um caminho de pedrinhas em direção aos fundos da casa.

— Espera, Apolo. — Ela tentou chamar, mas ele parecia perdido em seus pensamentos e não ouviu. — Apolo? — Tentou outra vez e novamente não obteve resposta.

Ao passarem pela lateral da casa, Bianca sentiu o seu corpo enrijecer ao mesmo tempo em que o seu coração batia violentamente em seu peito. Queria olhar nos olhos de Apolo, ver a chama da paixão acesa e, por isso, puxou seu braço com força, soltando as suas mãos. Estacou, cruzando os braços em uma posição claramente defensiva.

Apolo se virou tão rápido quanto pode, estranhando a atitude de Bianca, mas bastou um único olhar para ele compreender que ela estava tão nervosa quanto ele. Respirou fundo e soltou o ar pela boca bem devagar, deixando que a tensão fosse embora.

— Bianca — deu um passo em sua direção levantando a sua mão para tocar seu rosto —, me desculpa se estou estranho. É que eu quero que tudo saia perfeito e... — Ele parou de falar quando sentiu que Bianca inclinava a cabeça contra a palma da sua mão ao mesmo tempo em que suspirava e fechava os olhos, parecendo aliviada.

— Eu sei. — Abriu os olhos, encarando-o. — Acho que surtei um pouco.

Bianca desviou o olhar para o chão. Apolo segurou sua mão mais uma vez e a puxou para um abraço, deixando um beijo demorado em sua testa.

— Vem. Deixa eu te mostrar a surpresa que preparei para nós.

E, com um sorriso idiota no rosto, Bianca o seguiu até chegar na parte

de trás da casa. Apolo a abraçou por trás enquanto ela olhava, encantada, para o jardim completamente iluminado à sua frente.

— Caramba! — Bianca estava maravilhada com o que via. Alguns pisca-piscas presos nas árvores pareciam vagalumes iluminando o ambiente de forma menos artificial, assim como os lampiões a gás espalhados pelo chão, traçando um caminho em linha reta até o centro do jardim.

Lágrimas encheram seus olhos quando ela entendeu o que aquilo tudo significava. Não era uma questão de sexo. Era uma questão de mostrar para ela o quanto era especial. Única. E deu certo, porque era exatamente assim que Bianca se sentia.

Os diversos lanches e frutas estavam organizados em cestinhas postas sobre uma toalha de linho quadriculada. Um ramo de urze branca descansava em cima de um cobertor de retalhos que estava dobrado próximo das almofadas. O cheiro das velas de lavanda se misturava com o perfume das flores do jardim, formando um aroma singular que ficaria registrado na memória de Bianca para sempre.

— Acho que você gostou. — Apolo comentou, envolvendo-a em um abraço. — Vamos?

Ele abaixou e retirou seu tênis enquanto Bianca o olhava com uma expressão travessa e emocionada. Segurou-a pelo quadril fazendo com que seus corpos ficassem de frente um para o outro e se ajoelhou. Pegou um pé e o apoiou em sua coxa, descendo o zíper da bota e retirando-a. Repetiu o mesmo gesto com o outro pé, enquanto Bianca se controlava para não o agarrar ali mesmo.

Apolo pegou o vinho que estava dentro de um balde com gelo e serviu as duas taças, entregando uma para a ruiva. Quando seus olhares se encontraram, Apolo sentiu todo o seu corpo estremecer ao perceber a

intensidade dos sentimentos que dançavam por trás daqueles olhos.

— Obrigada. — A voz de Bianca saiu baixa, mas era impossível Apolo não perceber que ela agradecia por muito mais que uma singela taça de vinho. Nenhum dos dois disse uma palavra sequer por alguns minutos, apenas permaneceram ali, perdidos na profundidade daquele momento.

Apolo tentava esconder o seu nervosismo por detrás da taça, enquanto Bianca usava o frio como desculpa para o tremor em suas mãos e por todo o seu corpo. O silêncio era confortável. Cúmplice. E dizia muito mais do que as palavras poderiam expressar.

*“Quando eu coloco meus lábios em você
Você sente os arrepios subirem e descenderem por sua espinha”
(Lips on you – Maroon 5)*

Oito

Enquanto tomava a primeira taça de vinho, Bianca aproveitou a distração de Apolo com a comida para observar o jardim. Ele havia pensado nos mínimos detalhes para transformar algo teoricamente simples, como um piquenique sob as estrelas, em um verdadeiro cenário de contos de fadas. Bianca se sentiu lisonjeada e especial, e isso a fez refletir sobre o motivo que os levou até ali. Bianca tinha certeza de que Apolo era um romântico convicto e que não tinha receio em demonstrar os seus sentimentos. Ainda assim, precisava da confirmação.

— Por quê?

Já estavam no final da primeira garrafa de vinho quando Bianca juntou toda a sua coragem para perguntar. Desejava, no fundo do seu coração, que ele se abrisse e revelasse a ela os sentimentos que parecia nutrir e que eram tão iguais aos que ela sentia. Observou Apolo se ajeitar, ficando em uma posição mais relaxada e a encarou, sem responder.

— Por que me trouxe aqui, Apolo? — Bianca inclinou o tronco na direção dele, desviando um pouco para o lado somente para apoiar a sua taça na bandeja de madeira. — Por que você fez tudo isso?

Os olhos de um azul esverdeado brilhavam com uma determinação que Apolo conhecia bem. Bianca não se contentava com meias palavras. Suspirou e passou a mão pelo rosto antes de voltar a encará-la. Admirou os traços que

já conhecia de cor e seus dedos coçaram com a vontade de traçar aqueles lábios que pareciam implorar por um beijo.

Respirando fundo, Apolo voltou seus olhos para os dela, estabelecendo aquela conexão que tanto amava, e respondeu:

— Esse sou eu. — Deu de ombros. — Gosto de mimar as pessoas, surpreendê-las. Fazer com que elas se sintam especiais como eu acho que são. — Apolo buscou por toda paixão que queimava em seu peito e torceu para que ela transparecesse em sua voz e em seus olhos antes de continuar. — E você é muito especial para mim. Muito.

As palavras de Apolo entraram por seus ouvidos e foram absorvidas por todas as suas células. Seu coração batia tão forte que, por alguns segundos, Bianca pensou que seu peito fosse explodir. Fechou os olhos e respirou fundo e ao abri-los novamente, encontrou os olhos negros encarando-a como se avaliassem a sua expressão com cuidado. Aquele olhar fez seu estômago dar cambalhotas e um arrepio subir por sua espinha. Passou a língua pelos lábios ressecados e viu os olhos de Apolo desviarem dos seus acompanhando, hipnotizados, o movimento. E enquanto ela prendia o lábio inferior entre os dentes, Apolo despertou do seu transe e fechou os olhos ao mesmo tempo em que soltava um gemido baixinho.

Ele coçou a barba e colocou a sua taça de vinho na bandeja, afastando-a para o lado com cuidado. Voltou a encarar Bianca e logo depois pegou a sua mão para levá-la até o lado esquerdo de seu peito, colocando-a bem em cima de onde o seu coração pulsava.

— Meu coração só bate assim por você. Só por você, Bianca.

Bianca desejou que Apolo estivesse sem camisa, somente para que pudesse tocar a sua pele. Queria dizer que ele também mexia com ela de uma forma surreal, que as suas manhãs eram mais felizes quando despertava com

a sua voz rouca dizendo “bom dia” e que tinha os sonhos mais felizes quando adormecia em seus braços.

— Você gosta de mim? — A pergunta saiu em um fio de voz.

Apolo soltou uma risada baixa diante da incredulidade dela. Estavam tão próximos que ele conseguia sentir a sua respiração batendo em seu rosto e quando procurou os olhos dela com os seus, viu a insegurança estampada ali.

— Eu me lembro de te ver entrando na academia no seu primeiro dia.

Aquilo despertou o interesse de Bianca e Apolo respirou fundo antes de continuar.

— Passei dias te olhando de longe, falando para mim mesmo que era errado paquerar no meu local de trabalho. E aí, uma sexta-feira que tinha tudo para ser só mais um happy hour com meus melhores amigos, se transformou no dia em que eu me apaixonei.

— Você se apaixonou por mim no bar? — perguntou, assustada.

Apolo meneou a cabeça, afirmando e logo em seguida, sentiu a mão dela subindo pelo seu peito e passando pelo pescoço até parar em sua nuca. Ele fechou os olhos e ficou imóvel enquanto Bianca o acariciava com a ponta dos dedos.

— Eu não me lembro quando me apaixonei por você — sussurrou enquanto se movia para ficar mais perto de Apolo. — Só me lembro de um dia acordar pensando em você e aí me dei conta de que aquela não era a primeira vez.

Apolo estava sentado com as pernas cruzadas e Bianca se ajoelhou na sua frente ao mesmo tempo em que encostava sua testa na dele. Ela sentiu um arrepio cruzar sua coluna quando as mãos dele passearam por suas coxas até pararem no quadril. E quando os lábios dele tocaram a sua pele, Bianca sentiu

um calor correndo por seu corpo como se a qualquer momento ela fosse entrar em combustão.

O coração de Bianca pulsava sob os seus lábios e Apolo esfregou o nariz, se embriagando com o perfume dela. Enfiou as mãos por baixo de sua blusa e a ouviu arfar enquanto seus dedos traçavam círculos na pele sedosa. Gemeu quando as unhas de Bianca raspavam sua nuca, subindo até que seus dedos se enroscaram em seu cabelo. Apolo fechou os olhos, sentindo, logo em seguida, os lábios de Bianca colados aos seus.

Ela suspirou quando sentiu a língua de Apolo molhar seus lábios. Então os abriu, dando passagem para que ele a invadissem e quando a sua língua tocou na dele, uma faísca se acendeu e eles gemeram em uníssono.

Ela estava inebriada pelo desejo, enquanto ele se sentia provando um pedaço do céu. As sensações que experimentadas quando seus lábios se provaram antes, não chegavam perto dos sentimentos que transbordavam daquele beijo.

Apolo a puxou para mais perto e Bianca passou suas pernas ao redor dele, sentando em seu colo. Seus troncos estavam colados e suas bocas se devoravam com paixão. Bianca sentia seu corpo arder, como se cada célula do seu sistema nervoso estivesse implorando pelo toque de Apolo.

Ele subiu as mãos, deslizando-as pela pele de veludo. Ao chegar na altura das costelas de Bianca, usou os polegares para acariciar a região logo abaixo dos seus seios e sentiu os músculos do seu abdome tremerem. Apolo se afastou e puxou a camisa de Bianca por sua cabeça. Segurou-a com força em seus braços enquanto os girava, colocando-a suavemente de costas nas almofadas.

— Você é tão linda, Bianca... — murmurou contra os lábios dela.

Bianca sentiu os lábios quentes em sua bochecha, em seu queixo,

pescoço e ombro. Apolo desceu e começou a lamber a sua pele, deixando uma trilha úmida por onde passava, o que a fez fechar os olhos, permitindo-se absorver as sensações avassaladoras que iam surgindo conforme Apolo se movia. A barba por fazer arranhava a pele de seu colo, mas ela não se importava. Queria que os lábios e a língua dele continuassem aquela tortura, até que seu corpo explodisse em milhões de pedaços.

Apolo passou o nariz pelo vale entre os seios de Bianca, respirando o cheiro doce da sua pele e continuou descendo, mordiscando e beijando cada pedaço, fazendo-a se contorcer enquanto gemia baixinho. Ele enganchou os indicadores no cócs da saia e a puxou para baixo ao mesmo tempo em que Bianca ergueu o quadril para ajudá-lo com a tarefa.

Apolo sentiu sua garganta secar enquanto apreciava a vista do corpo seminu de Bianca. A lingerie de renda preta sobressaía na pele pálida e moldava de forma perfeita as curvas do corpo dela.

Bianca ergueu o tronco, apoiando-se nos cotovelos e, quando seus olhos se conectaram aos dele, ela viu algo além da luxúria, algo que ela sabia. Algo que fez o seu coração parar de bater.

— Perfeita...

As mãos de Apolo percorreram suas panturrilhas, subindo em direção às coxas e parando no quadril. Perdeu o fôlego quando sentiu os dedos ágeis se enroscarem no tecido da calcinha, puxando-a para baixo. Bianca estava tão sensível que conforme os dedos de Apolo roçavam em sua pele, ela sentia leves choques correndo por seu corpo em direção ao seu ventre.

Apolo queria que aquela primeira vez fosse perfeita nos mínimos detalhes. Não existia melhor lugar para amar Bianca, que não fosse sob as estrelas. E ela era tão maravilhosa, que ele sequer imaginava por onde começar. Retirou a sua blusa e a jogou para o lado ao mesmo tempo em que

ouviu Bianca suspirar. A satisfação encheu seu peito ao perceber o olhar dela travado em seu tórax. Apoiou uma mão de cada lado da sua cabeça ao mesmo tempo em que Bianca voltava seus olhos para os dele.

— Nem nos meus sonhos mais incríveis eu te imaginei tão perfeita.

Bianca aproveitou a proximidade dos seus corpos e ergueu as mãos, percorrendo os músculos definidos das costas dele. Apolo fechou os olhos com o contato e resvalou seus lábios nos dela.

— Agora, urso, eu vou amar cada pedacinho seu.

*“Toda a estrada é uma ladeira escorregadia.
Há sempre uma mão que você pode segurar.
Olhando bem fundo pelo telescópio,
Você pode ver que o seu lar está dentro de você.”
(93 Million Miles – Jason Mraz)*

Move

Apolo lembrava um animal selvagem recém enjaulado enquanto andava de um lado para o outro sem parar. Olhava para o relógio em seu pulso a cada novo minuto e, logo após, conferia o aparelho celular, buscando por algum sinal de Bianca.

Ela estava atrasada. E isso só o deixava ainda mais nervoso.

Respirou fundo e caminhou em direção à cozinha enquanto estalava os dedos das mãos. Mesmo após tomar meia garrafa de vinho, que foi cortesia de Dionísio, o seu corpo ainda estava tenso. A garrafa ainda repousava no suporte em cima da bancada de mármore branco e Apolo decidiu que merecia mais uma taça. Afinal, a ocasião pedia um bom vinho, fosse para comemorar ou para afogar as mágoas. E tudo dependia única e exclusivamente da ruiva que dominava seus pensamentos e habitava o seu coração.

Aos dezenove anos, Apolo passou em ótima colocação para uma universidade pública e o pai o apresentou com um apartamento de um quarto só que ficava bem próximo ao campus onde estudava. Ele precisava, então, se preocupar somente com as despesas básicas como luz, condomínio e água, já que café da manhã, almoço e jantar eram por conta do restaurante universitário, vulgo ‘bandejão’. Aprendeu muito cedo a se virar sozinho e

isso o ajudou a criar responsabilidades e amadurecer mais rápido.

Trabalhou exercendo diversos cargos a fim de se manter financeiramente independente dos pais.

Em uma dessas experiências, Apolo atuou como garçom em uma *steakhouse* por dois anos e parte do treinamento consistia em conhecer todo o processo do preparo de cada prato servido pela casa. A finalidade era a de capacitar a equipe para um melhor atendimento, sem que os garçons precisassem recorrer à cozinha a todo o momento.

Depois desse período aprendendo sobre temperos, misturas e tipos de talheres e pratos, Apolo tomou gosto pela arte da culinária. Com o incentivo de Catarina, sua mãe, rapidamente aprendeu a transformar coisas simples em deliciosas iguarias. A internet foi uma grande aliada, assim como algumas horas pendurado ao telefone com sua mãe.

Apesar de gostar de passar horas em sua pequena cozinha mesclando ingredientes e descobrindo novos sabores, era difícil para Apolo se prender à tarefa como se fosse uma obrigação. E, por isso, Apolo só o fazia para pessoas especiais ou em ocasiões especiais, como o Natal ou o Dia das Mães.

Ou como naquela noite.

Suspirou e passou a mão no cabelo enquanto seus olhos percorriam a sala do seu apartamento. Depois que a sociedade na academia passou a dar algum lucro, a primeira coisa que Apolo comprou foi o seu apartamento. Ele era um pouco maior que o quarto-sala no qual viveu boa parte da juventude, mas era algo conquistado com o seu suor e trabalho. E isso o fazia valer muito mais.

A mesa de madeira rústica tinha sido presente de Petrus, uma das peças mais bonitas que o irmão havia feito, e estava posta seguindo um padrão romântico. Cada prato era aparado por um jogo americano de palha e os

guardanapos de linho branco estavam presos por um fio de sisal. Apolo colocou um jarro baixo com flores do campo de várias espécies, bem colorido, na lateral da mesa. Em frente aos pratos, a taça mais larga estava pronta para receber o vinho enquanto a outra, esperava pela água. No meio da mesa, uma fileira com quatro velas baixinhas harmonizavam com as velas espalhadas estrategicamente pelo ambiente, dando uma iluminação mais intimista e romântica. Os talheres em inox brilhavam de tão bem lustrados e o suporte de madeira estava pronto para receber a lasanha que borbulhava no forno.

Tudo estava perfeito.

Apolo respirou fundo e aspirou o cheiro de lavanda que vinha das velas aromáticas tentando se acalmar. Tinha passado dias pensando, planejando cada mínimo detalhe e ficaria frustrado se ela não aparecesse. Seu coração apertou no peito e ele enxugou as suas mãos na calça jeans antes de passá-las pelo rosto. Olhou para o relógio mais uma vez e gemeu, frustrado. A cada vez que o ponteiro andava para o próximo tracinho, mais ansioso Apolo ficava.

Bianca não era o tipo de mulher que se atrasava, a não ser que, em cima da hora, surgisse algo referente ao seu trabalho. E era esse o ponto que mexia com Apolo e o deixava inseguro: quando se tratava de trabalho, Bianca se entregava completamente. Não via a hora passar e quando dava por si já tinha perdido o compromisso.

Bufou e balançou a cabeça para os lados, espantando os pensamentos negativos. Recostou-se no balcão e pegou a taça de vinho, tomando um gole generoso. Passou os olhos pelo ambiente e mordeu os lábios enquanto deixava as memórias de algumas semanas atrás povoarem a sua mente. Fechou os olhos sentindo novamente a textura dos fios ruivos em seus dedos e a maciez da sua pele sob os seus lábios. Deixou que as suas pálpebras

funcionassem como uma tela onde ele pode rever com detalhes o amor que transbordava dos olhos verde-azulados e o sorriso tímido quando disse que não queria mais dormir sem ele.

Abriu os olhos e suspirou antes de virar todo o líquido da taça em sua boca. Pensou em olhar para o relógio mais uma vez, mas percebeu que talvez o tempo passasse mais rápido se ele ajeitasse os últimos preparativos. Apolo se abaixou para olhar atrás do vidro, a lasanha que assava no forno. Observou o queijo borbulhar e percebeu que nas bordas da travessa, ele já estava bem dourado, então desligou o fogo. Respirou fundo e esfregou uma mão na outra, enquanto caminhava até a pequena sacada do seu apartamento. A escada de ferro que ficava na lateral da varanda levava para um terraço aberto onde Apolo deixou o seu lado paisagista aflorar e montou um jardim de inverno com espaço para relaxar. Jogou pétalas de rosas no chão e na mesinha que ficava próxima à enorme espreguiçadeira de vime, as duas taças e o espumante já estavam prontos dentro do balde com gelo.

Apolo se debruçou no parapeito, observou a enorme lua que brilhava no céu e sorriu. Seria ali, tendo as estrelas mais uma vez como testemunhas, que ele faria Bianca se sentir ainda mais amada e, assim, daria mais um passo em seu relacionamento.



Depois que Apolo contou sobre o trabalho social de Maitê para Bianca, a irmã mais velha perturbou a mais nova até que ela contasse todos os mínimos detalhes sobre o projeto e ficou completamente encantada a ponto de querer conhecer o lugar. E foi. Lá, conheceu Celina, uma professora de balé que tinha vinte e poucos anos, mas que carregava uma enorme bagagem

nas costas e Bianca se emocionou com a sua história de vida.

Mais cedo, enquanto estavam no *spa*, as três não falaram sobre o passado, somente sobre as expectativas que tinham sobre o futuro, mesmo que ele fosse incerto. Compartilharam sonhos e gargalhadas enquanto cuidavam da pele, dos cabelos e das unhas. Bianca sorriu, lembrando-se de como era bom conhecer esse outro lado de Maitê e suspirou encostando a cabeça na parede de metal do elevador.

Os andares passavam lentamente e ela lembrou o quanto odiava aquele elevador. Bufou e fitou o seu reflexo no espelho. Apolo não sabia, mas aquele era o seu primeiro dia de férias e ela o usou para ficar perfeita para ele. Bianca sempre foi muito vaidosa. Não tanto quanto a irmã caçula, mas gostava de se cuidar, principalmente depois que começou a se relacionar com Apolo. Gostava dos olhares de desejo que ele lhe dedicava e como sussurrava em seu ouvido que estava linda sempre que se encontravam.

Passou a mão pelos fios vermelhos, admirando o movimento do novo corte e a cor que parecia ainda mais clara graças aos poucos fios dourados que Maitê a convenceu de pintar. Esfregou um lábio no outro e ficou impressionada com a durabilidade do batom. Não era à toa que aquela marca era a queridinha das meninas.

Bianca escolheu usar um vestido chemise rosa chá com estampa de pandas. Por baixo, um conjunto de lingerie muito sexy escolhido a dedo por sua sogra.

Sua sogra!

Ainda era estranho pensar em Catarina dessa forma. E mais estranho ainda era que ela tivesse aparecido na porta do *spa* com um sorriso cúmplice no rosto, somente para levar um presente dizendo que era, de certa forma, para o filho.

Algumas semanas após o episódio do jardim, Apolo apresentou Catarina a Bianca. Estavam comendo em uma cafeteria próxima à academia e sua mãe surgiu, sentando-se à mesa e tratando Bianca como se a conhecesse há séculos. Desde então, tornaram-se muito próximas e se falavam praticamente todos os dias. Era a mãe que Bianca sempre sonhou em ter.

Era estranho falar sobre Apolo com ela, mas Catarina era uma mulher muito diferente e sabia levar qualquer assunto com leveza. Tinha um espírito jovem e apaixonado, assim como o filho. Era inteligente e uma companhia dessas que você quer ter ao seu lado em todos os momentos.

As portas do elevador se abriram e Bianca percorreu o corredor bem iluminado com passos ligeiros até que parou em frente à porta do setecentos e dois e tentou fazer o mínimo de barulho possível. Não queria que os vizinhos bisbilhoteiros aparecessem quando ela tinha tanta pressa a ponto de não ser educada. Girou a chave que pegou com Catarina e abriu a porta bem devagar ao mesmo tempo em que dava um passo para dentro do apartamento de Apolo.

Estática, Bianca olhava para cada canto com a boca aberta. Seus olhos se encheram de lágrimas enquanto ela observava cada detalhe. Apolo havia transformado o seu apartamento no lugar mais romântico que ela já vira.

Fechou a porta atrás de si e colocou os chinelos de unicórnio próximos do aparador ao lado da porta. Um cheiro delicioso a guiou até a cozinha e Bianca salivou ao ver a lasanha descansando no forno, como se esperasse ansiosa para ser devorada.

Com bastante cuidado, Bianca caminhou até o quarto procurando por algum sinal de Apolo. Não queria chamá-lo. Desejava pegá-lo de surpresa, talvez enquanto fazia o jantar ou durante o banho. Procurou no escritório, no banheiro e no lavabo, até mesmo no quartinho de empregada que ele usava

como despesa. Nada.

Voltou para a sala e olhou para a sacada, lembrando-se na mesma hora do terraço que ele tanto adorava. Sorriu e mil coisas passaram por sua cabeça. Nas últimas semanas eles viveram um romance digno dos contos de fadas. Não brigavam e usavam o diálogo como base de sustentação naquele relacionamento. Eram muito abertos um com o outro. Antes de sequer pensar em algo, Bianca o questionava de forma doce e da mesma forma era ele. Quando as pitadas de ciúme se tornavam fortes a ponto de incomodar, recorriam a uma boa conversa e, dessa forma, resolviam qualquer questão.

Estavam há dois dias sem se ver, o que era um recorde já que se viam ao menos uma vez ao dia na academia, nem que fosse apenas para um beijo e algumas carícias rápidas trocadas no escritório. Mas naquela semana, Apolo mal apareceu ou ligou, alegando que estava ocupado planejando o dia dos namorados romântico de Petrus e Ana. Toda a família ficou empolgada com a tal aposta e se empenharam muito para que tudo fosse perfeito para aqueles dois. Bianca queria ser uma mosquinha para ver a cara deles ao abrir a mala surpresa. Seus lábios se abriram em um sorriso radiante ao constatar que mesmo ajudando o irmão, ele também guardou um tempo para agradá-la com um cenário tão lindo.

Subiu a escada de ferro e o encontrou de costas, enquanto olhava para algum ponto perdido no céu. Sem perceber, começou a caminhar na direção dele. Apolo mordia os lábios enquanto se lembrava da trajetória que o havia levado até aquele momento.

O primeiro momento em que viu Bianca entrar pela porta da academia. A primeira vez em que sentiu a textura da sua pele. A primeira vez em que passaram toda a madrugada conversando até que ela simplesmente parou de responder e ele ouviu sua respiração ritmada e continuou na linha, vigiando o

sono dela.

Todas as vezes em que dormiram juntos, Apolo passava horas contornando os traços do rosto de Bianca com os olhos, como se quisesse eternizar aqueles momentos de calma. Afinal, estar com Bianca era sinônimo de confusão. Ela era tão desastrada e espontânea. Ele amava cada pequeno detalhe dela. Simples assim. Qualidades, manias e, principalmente, defeitos. Eram eles que a transformavam em um ser único, afinal.

Bianca não era a sua alma gêmea. Longe disso. Ela era a sua outra metade. Seu perfeito oposto. Como em um quebra-cabeça onde as peças têm cortes diferentes e ao se encaixarem formam um lindo desenho. Entretanto, mais que a outra metade da laranja, Bianca era a sua melhor amiga, confidente, companheira fiel para todas as horas.

Quando estava triste, Apolo pensava nela. Quando os problemas se transformavam em fardos pesados demais para sustentar sozinho, ele olhava para o lado e ela estava lá, pronta para dividir o peso com ele enquanto percorriam todo o caminho juntos.

E ao se dar conta de tudo isso, Apolo percebeu que queria mais com Bianca. Queria toda uma vida ao seu lado, compartilhar sua rotina, o seu dia-a-dia, e decidiu que aquele era o momento certo para o pedido.

Estava tão perdido em seus pensamentos que pulou ao ouvir um barulho de algo quebrando e se virou, dando de cara com uma Bianca pálida e assustada.

— Meu Deus, Bianca! Você se machucou? — perguntou ao ver o castiçal de vidro espatifado no chão próximo ao pé descalço dela.

— N-não. Claro que não. Foi só um susto... — Sua voz foi ficando mais baixa e trêmula e Apolo logo percebeu seus olhos brilhando com lágrimas.

— Não chora, meu amor. Não hoje. Não agora. — Caminhou até ela, envolvendo-a com seus braços e afundou o rosto nos fios macios que tanto amava. — Eu montei todo um espetáculo para te fazer sorrir essa noite. Não quero lágrimas.

Bianca deu um soluço acompanhado de um sorriso tímido e esfregou o rosto em sua camiseta.

— Acho que você se esqueceu que eu sou um desastre iminente — comentou, tentando fazer graça.

Apolo se afastou e segurou o rosto dela com as suas mãos e sorriu. Bianca podia jurar que, naquele momento, nada brilhava mais que o sorriso de Apolo.

— Sua falta de jeito é o que eu mais amo em você.

Meses se passaram desde aquele primeiro beijo na praça, e as sensações maravilhosas que compartilhavam sempre que seus lábios se tocavam ainda eram arrebatadoras. Bianca suspirou enquanto os seus gostos se misturavam formando um sabor singular. Não era um beijo cheio de desejo, com línguas duelando. Elas se reconheciam e se redescobriam.

Bianca sentiu uma comichão sob a sua pele, como se precisasse tocar na pele de Apolo. Subiu as mãos, abraçando-o pelo pescoço e ficou na ponta dos pés enquanto aprofundava o beijo. Apolo, então, percebeu que a sua programação para a noite teria que ser reajustada. Afinal, jamais negaria nada a Bianca, ainda mais quando o seu desejo era recíproco.

Desceu as mãos pelas pernas da namorada sentindo a maciez das coxas torneadas e as puxou para cima, fazendo com que elas se enroscassem ao redor da sua cintura. Sem interromper o beijo, caminhou até a enorme espreguiçadeira e se sentou com Bianca em seu colo. O beijo tornou-se mais sensual ao mesmo tempo em que suas mãos percorriam o corpo um do outro.

Apesar de ser inverno, aquela noite estava quente e as velas espalhadas, somadas ao atrito de seus corpos, faziam o suor escorrer por suas peles.

Os dedos de Bianca percorriam os ombros e costas de Apolo e de vez em quando, perdiam-se nos fios negros do seu cabelo. Ela adorava os sons que ele fazia quando suas unhas raspavam em seu couro cabeludo, como se aquela picada de dor, desse ainda mais prazer.

As mãos de Apolo tocavam suas coxas com delicadeza enquanto percorriam sua pele até o quadril, deixando um rastro de fogo por onde passavam. Gemeu ao sentir o aperto firme em sua bunda ao mesmo tempo em que Apolo chupava o seu lábio inferior. As mãos dele empurravam a camisa para cima, fazendo-a se embolar em sua cintura e Bianca o segurou pelo ombro, interrompendo o beijo enquanto tentava controlar a sua respiração.

— Achei que a Catarina tivesse *te* dado uma educação melhor, amor — falou baixinho e Apolo riu, encostando a cabeça em seu ombro para logo depois respirar fundo.

— Eu deveria ter te oferecido algo para beber, não é? — Brincou arrancando uma gargalhada da ruiva.

— Sua mãe ficaria envergonhada... — Apolo mordeu o lóbulo da sua orelha e as últimas sílabas saíram misturadas a um gemido abafado.

— Hoje eu vou te oferecer muitas coisas, Bianca. Muitas coisas. — Afastou-se e a colocou sentada ao seu lado, inclinou seu tronco para frente e puxou a bandeja para mais perto. Abriu a garrafa de *Boërl & Kroff Brut Rosé* para, logo em seguida, encher as taças com o líquido borbulhante.

Bianca arregalou os olhos, realmente impressionada. Apolo não era do tipo que fazia extravagâncias e, por isso, olhou-o um pouco chocada e isso o fez sorrir.

— Relaxa. Foi um presente da dona Catarina.

— Ela também passou aqui hoje?

— Como assim “também”?

Bianca pigarreou e sentiu as bochechas esquentarem. Pegou a taça que lhe era oferecida e sorriu inocentemente para o namorado, que a olhava com os olhos cerrados e deu de ombros.

— Ao nosso amor.

— Ao nosso dia — Bianca falou enquanto encostava sua taça na dele para logo depois virar todo o líquido de uma única vez, o que fez Apolo rir. Ela adorava o som rouco que ele produzia enquanto ria e a forma como o seu corpo sacodia e os seus olhos brilhavam.

*“Não tem por que tentar se justificar
Se foi meu coração que decidiu por mim
Mas se a escolha fosse minha
Eu escolheria você mesmo assim.”
(Escolho Você – Sandy)*

Dez

Ficaram por vários minutos sentados na espreguiçadeira enquanto conversavam sobre assuntos diferentes. Apolo e Bianca tinham uma conexão muito forte e quando falavam sobre o passado ou sobre os planos do futuro, sentiam que estavam dividindo mais que momentos e sonhos. Dividiam a vida.

Bianca adorava ouvir as histórias que ele contava sobre a sua infância. Principalmente quando envolviam as trapalhadas que aprontava com os seus irmãos, como naquele momento em que ele falava, empolgado, sobre uma tarde de verão em que Eros resolveu se aventurar subindo nas árvores do jardim. Bianca jogou a cabeça para trás e gargalhou alto imaginando a cena, enquanto Apolo assistia ao espetáculo mais belo da face da Terra. Nunca se cansaria de vê-la rir.

— Você não fez nada?

— Claro que fiz! Eros é meu irmão caçula.

— E o que você fez? Chamou os bombeiros? Gritou o seu pai? — Os olhos de Bianca brilhavam como duas pedras preciosas enquanto o encaravam.

— Eu subi em cima da árvore e...

— Ajudou ele a descer? Você foi um herói! — Ela tinha as bochechas coradas por causa do álcool que já tinha consumido e Apolo tirou a taça de

sua mão colocando-a ao lado da dele antes de responder.

— Na verdade nós ficamos juntos, presos no galho e eu descobri naquele dia que tenho pavor de altura. — Deu de ombros e logo foi agraciado com o melhor som do universo. — Céus! Eu amo a sua risada...

Bianca parou de rir e respirou fundo e quando seus olhos encontraram os dele, ela viu uma intensidade já conhecida e no mesmo instante sentiu o seu corpo inteiro esquentar. Era incrível como apenas um olhar podia despertar nela tamanho desejo. Bianca amava o que via nas íris escuras. Era aquele olhar que fazia o seu coração bater mais rápido e o seu estômago se contorcer enquanto fogos de artifício explodiam em seu ventre. Aquele olhar que a fazia se sentir única e especial, como jamais se sentiu.

Mordeu o lábio inferior ao mesmo tempo em que ergueu a mão e acariciou o maxilar de Apolo. A barba por fazer espetava seus dedos, mas ela gostava daquela sensação, principalmente quando ele usava desse artifício em outras partes do seu corpo.

Apolo fechou os olhos absorvendo a quentura daquele toque e desejando gravá-lo para sempre em sua memória. Abriu os olhos a tempo de vê-la se inclinar, mas logo os fechou novamente ao sentir os lábios dela tocando os seus. Puxou o ar com força quando uma corrente elétrica percorreu o seu corpo, distribuindo choques por todas as partes, fazendo a sua pele se arrepiar.

Bianca contornou os lábios dele com a língua para mordê-los logo em seguida. Apolo deu um suspiro trêmulo ao sentir os dedos dela acariciando a sua nuca ao mesmo tempo em que suas línguas se tocavam mais uma vez. Bianca o beijou com calma e doçura, colocando naquele beijo todo o carinho que sentia por ele. As mãos dele estavam espalmadas em suas coxas e a quentura do seu toque fazia seu sangue entrar em ebulição.

Ao se afastar, Bianca riu ao ouvi-lo fazer um barulho frustrado com a garganta.

— Ah, Apolo, eu te amo tanto! — E com um sorriso destemido nos lábios, Bianca ficou de pé e caminhou alguns passos sem perceber que tinha deixado para trás um Apolo completamente emocionado.

Ela respirou fundo e se virou de frente para o namorado. Seus olhos se encontraram e ela precisou de um segundo para se lembrar do que pretendia fazer. O olhar de Apolo era daqueles que fazia as suas pernas tremerem e seu corpo estremecer. Lambeu os lábios que estavam secos e puxou de uma única vez o vestido, revelando a pele delicada coberta por um par de lingerie púrpura.

Os lábios de Apolo se separaram e ele precisou respirar fundo para controlar o impulso avassalador que sentiu de correr para tocar a pele exposta de Bianca. Seus olhos moviam-se pelas curvas dela, gravando cada detalhe das peças íntimas. O sutiã tinha um bojo meia taça liso e simples, com apliques de rendas de diferentes tons que iam do lilás ao púrpura. A calcinha seguia o mesmo padrão liso até determinado ponto, onde mais renda seguia até um pouco abaixo do umbigo. Apolo passou a mão pelo rosto e depois coçou a nuca, nervoso e sem saber muito bem como agir.

Enquanto isso, Bianca aguardava, parada. Podia ter tentado seduzir o namorado com um strip-tease ou até mesmo fazer poses e caras provocantes, mas sabia que se fizesse isso o mais provável era que caísse no chão ou provocasse um incêndio no terraço, o que acabaria com a noite deles ou, no mínimo, com o clima. Mordeu o lábio inferior demonstrando a sua insegurança e suspirou ao ver Apolo se levantar lentamente, caminhando na sua direção.

Apolo sentiu as mãos trêmulas como se estivessem ansiosas por tocar

em Bianca mais uma vez. A cada passo que dava, seu coração acelerava mais no peito. E era sempre assim. Todas as vezes que a olhava, todas as vezes que a tocava, todas as vezes que a amava. As sensações se misturavam, tão intensas e únicas, como se fosse a primeira vez.

O corpo de Bianca estremeceu mais uma vez e ela não conseguiu conter o gemido baixo que escapou de seus lábios quando os dedos dele roçaram em seu queixo, erguendo seu rosto.

Apolo planejou aquela noite nos mínimos detalhes para que ela se tornasse inesquecível. Já devia ter aprendido que, com Bianca, nada saía como o esperado. Contudo, estava gostando da forma como estavam levando a noite.

À medida que as suas bocas se aproximavam, Bianca fechou os olhos e se entregou às sensações. Sentiu o sangue correndo mais rápido nas veias e o hálito morno dele batendo em seu rosto. A barba raspando em sua pele e, de repente, estava envolta pelo calor do corpo de Apolo.

— Você quer ser a minha namorada? — A voz rouca fez a pele de Bianca se arrepiar.

Era dia dos namorados e não seria nada criativo fazer um pedido, mas aí as imagens de todo o cenário montado dentro da casa e no terraço pipocaram em sua mente e Bianca entendeu que ele precisava de uma confirmação. Precisava que ela dissesse sim. O que Apolo não sabia, é que para ela, eles não precisavam de rótulos, pois eram uma só alma. Duas metades que se conectaram, se apaixonaram e se uniram para se tornar uma só.

Não que eles usassem o título, mas muito antes daquele dia no jardim de Catarina, todos já sabiam o que significavam um para o outro.

Apolo fechou os olhos e encostou sua testa na de Bianca, tentando

encarar aquele silêncio como algo positivo. Respirou fundo e se afastou para conseguir olhar nos olhos dela. Abriu a boca para falar qualquer coisa, mas ela foi mais rápida.

— A primeira vez que te vi, lá no bar, fiquei zozza. Você é um homem que chama a atenção, que tem presença, porte e uma beleza surreal. E você estava ali, sentado na cadeira ao lado da minha.

Apolo riu e passou as mãos pela sua cintura, envolvendo-a com os braços.

— Ver você interagindo com eles é que foi surreal. Ali eu soube que estava perdido porque eu nunca conseguiria me envolver com alguém que me levasse para longe dos meus melhores amigos e, convenhamos, aquele povo é difícil de conviver.

— Eles são maravilhosos!

— Com você, amor — Apolo falou, fazendo Bianca rir.

— É engraçado como as coisas funcionam tão fácil entre a gente, né? Quantas vezes eu me peguei pensando em você, em onde você estava ou no que estava fazendo.

— Comigo também foi assim, urso. Sabe que eu morria de ciúmes quando te via falando no celular? Sempre achava que era algum homem.

— Fala sério! — Bianca riu ainda mais. — Não passou pela sua cabeça que podia ser uma mulher, não?

— Pensava sim, e sentia ciúmes da mesma forma. — Deu de ombros.

— Você também achava que eu e Renata éramos um casal? — Apolo gargalhou alto e deu um passo para trás e encarou os olhos dela.

— Não mesmo — falou ainda rindo. — Meu ciúme era do seu riso, Bianca. Eu desejava que fosse eu o responsável por ele.

— Ah, Apolo... — Bianca sentiu os olhos arderem com lágrimas e respirou fundo, sem querer derramá-las. — Às vezes, eu me pergunto se você é real. Ou se é uma criação do meu subconsciente.

Apolo colocou seus corpos e deixou um beijo no canto direito da boca dela.

— Sabe, aquele dia no jardim da minha mãe só confirmou o que eu já sabia.

— Que você adora me embriagar e depois levar para a cama?

— Que eu me lembre nós ficamos bem confortáveis no meio daquelas almofadas enormes...

— Apolo! — Bianca escondeu o rosto em sua camiseta, enquanto ele gargalhava alto.

— O que eu quero dizer, urso, é que naquela noite eu me abri para você, me declarei e deixei claro o que eu queria. E eu queria você.

— E você me tem — ela murmurou e o viu sorrir de lado enquanto traçava diversos desenhos geométricos em suas costas.

— Assim como você tem a mim. Eu sou teu, Bianca. O meu coração está em suas mãos e não porque você o roubou. Ele está aí porque eu te entreguei. Entende?

Certa vez, Catarina falou para o filho que almas afins se reconhecem, mas que chega um determinado momento em que precisam decidir se querem seguir juntas ou se partem para seguir caminhos diferentes. E era isso o que Apolo queria naquela noite. Eles estavam juntos há pouquíssimo tempo. Mas o tempo realmente era algo relevante? Quantos casais conviviam por décadas e, no fim, nem mesmo o respeito sobrevivia?

Apolo queria planejar uma vida com Bianca. Olhar para o futuro e

inclui-la em seus planos, em seus sonhos.

— Eu sou seu de corpo, alma e coração.

Seus olhares estavam conectados, transmitindo a intensidade dos sentimentos que sentiam um pelo outro. Segurou-se com firmeza nos braços de Apolo e piscou várias vezes tentando segurar as lágrimas sem sucesso. Seu coração batia tão forte no peito que parecia pronto para explodir. Sentiu os dedos de Apolo em seu rosto e, logo depois, os lábios dele nos seus. Um beijo delicado, casto, mas carregado de amor.

Todas as vezes que Apolo dormia antes dela, Bianca cumpria com o seu pequeno ritual. Cobria-o com o lençol e beijava a sua testa para logo depois sussurrar em seu ouvido o quanto o amava e só depois de tudo isso, ela se deitava ao seu lado, pronta para se deixar envolver pelos braços fortes.

Eles eram um casal sem nenhum tipo de problema de comunicação, mas aquela era a primeira vez que se declaravam de forma tão direta. A felicidade para Bianca veio em forma de lágrimas, já para Apolo, veio em forma de riso. Um riso tão gostoso que fez Bianca fechar os olhos somente para apreciar.

Apolo a jogou em seu ombro e Bianca arfou quando não sentiu mais o chão sob os seus pés. Ela amava aquele jeito imprevisível e romântico dele, mesmo que algumas surpresas não tenham saído como planejado, ainda eram perfeitas.

Caminhando a passos largos, porém cuidadosos, Apolo desceu a escada e passou pelo corredor até chegar ao seu quarto. No último mês, Bianca tinha feito algumas mudanças por lá. Coisas bobas, mas que deram ao ambiente um toque da sua personalidade. E Apolo, como um bobo apaixonado, usava aquilo como desculpa para que ela dormisse ao seu lado o máximo de noites possíveis.

Desceu-a com cuidado, fazendo questão que todo o corpo dela escorregasse pelo seu. Bianca sorriu para ele que não pensou duas vezes antes de puxá-la pela nuca e colar seus lábios em um beijo repleto de desejo e paixão.

Bianca sentiu suas pernas baterem contra o colchão e se agarrou com ainda mais força nos braços de Apolo. Sem separar os seus lábios dos dela, Apolo a deitou de costas e logo em seguida, pressionou seus corpos, sentindo as curvas de Bianca moldando-se às suas.

Apolo subiu as mãos pelo corpo de Bianca e percebeu que não era o único a ser invadido por um emaranhado de sensações desencadeadas pelo contato de suas peles. Ouviu-a arfar quando acariciou a pele exposta abaixo do sutiã enquanto descia sua boca pela curva do pescoço.

Conforme intercalava as mordidas e lambidas com beijos e chupões, Apolo ia medindo as reações de Bianca. Adorava como o corpo dela correspondia aos seus comandos, mesmo que involuntariamente, afinal, ela sequer percebia o que estava fazendo. De olhos fechados, a ruiva estava entregue e inteiramente à mercê de Apolo. Ela empurrava o tronco contra o dele e se contorcia, tentando controlar as espirais de prazer que rodopiavam por todo o seu corpo.

Apolo sabia como a conduzir naquela dança íntima que somente eles dois conheciam. Por isso, Bianca sequer notou quando ele usou os dedos ágeis para abrir o sutiã, ou quando Apolo afastou os seus corpos para retirar a peça. Somente gemeu ao sentir as mãos dele, fechadas como conchas, ao redor dos seus seios, acariciando-os com delicadeza e aquela pitada de brutalidade que lhe arrancava gemidos incontrolláveis.

E quando os lábios dele se fecharam em torno de um dos seus mamilos, sugando-o com vontade, a picada de dor enviou uma corrente de fogo direto

para o seu ventre. Bianca sentia a sua pele arder, ansiando pelo único toque que poderia aplacar aquele incêndio que acontecia em seu interior.

Lentamente, Apolo foi descendo por seu corpo, arranhando a pele com sua barba por fazer. Acariciou a pele da sua barriga com a língua e a ouviu gemer enquanto empurrava sua cabeça impacientemente para o ponto onde o desejava com fervor.

Apolo usou um dedo para afastar a calcinha para o lado e passou a língua desde a sua entrada, até o clitóris. Bianca tinha um gosto excepcional e era tão receptiva, que as preliminares passaram a ser o ato principal.

O contato da língua, áspera e quente, com a sua intimidade, fez Bianca tremer. Apolo tinha as coordenadas certas para a guiar em direção ao paraíso. Ele intercalava lambidas com chupadas e, então, mordia e assoprava o seu clitóris, fazendo-a se desmanchar de prazer.

Sorrindo, Apolo segurou o quadril de Bianca com as duas mãos, tentando mantê-la parada enquanto continuava a lhe dar prazer com a boca. Ele amava o jeito desinibido dela. Deferiu um tapa estalado em sua coxa e ela gemeu, fechando as pernas, prendendo-o. Apolo introduziu um dedo dentro dela que arfou, como se o prazer daquele gesto fosse grande demais para suportar. Conforme ele a estimulava, Bianca sentia-se mais úmida e relaxada, dando a Apolo a liberdade de fazer com ela o que bem quisesse.

O coração de Bianca bombeava rápido, enquanto a tensão em seu ventre parecia crescer cada vez mais. Pequenos choques percorriam o seu corpo e ela abriu os olhos, incapaz de se manter perdida em meio ao turbilhão de sensações que haviam despertado em seu interior. Apoiou-se nos cotovelos e perdeu o fôlego ao encontrar o brilho da luxúria refletido nos olhos de Apolo enquanto ele a devorava. Sentiu que ele adicionou outro dedo, preenchendo-a ainda mais. E sem conseguir se controlar, jogou a

cabeça para trás, gemendo, enquanto sentia o seu corpo inteiro se despedaçar para depois se juntar novamente.

Distribuindo beijos pelo quadril dela, Apolo subiu até chegar ao vale entre os seus seios, deixando um beijo mais demorado ali. Levantou-se, indo buscar na gaveta do criado mudo, um envelope de preservativo, mas parou ao ver a caixinha preta de veludo. Respirou fundo e mordeu o lábio sem saber se aquele era o momento certo, ou se era melhor esperar. Tocou a tampa da caixinha com a ponta dos dedos e sentiu uma onda de adrenalina o invadir.

— Apolo? — Bianca o chamou e, só então, ele notou que seus olhos estavam fechados e suas mãos tremiam levemente. Respirou fundo e ergueu a cabeça, encontrando Bianca de joelhos na cama, encarando-o com preocupação.

— Eu... — Apolo engoliu o bolo que se formou em sua garganta e balançou a cabeça, colocando um sorriso em seu rosto. Estava tudo bem, ele podia dar a caixinha para Bianca mais tarde.

Ela espelhou o seu sorriso e caminhou até ele, pegando o envelope laminado de sua mão. Seus olhos brilhavam com malícia e o rubor em sua face deixava claro para Apolo o que ela ia fazer. Fechou os olhos e gemeu ao sentir os lábios dela tocando o ponto exato onde o seu coração pulsava.

— Você é tão lindo, Apolo. Às vezes eu preciso me beliscar para ter certeza de que o que temos é real.

Puxando-o pela mão, Bianca o guiou até a cama e puxou sua blusa para cima, para logo depois correr os dedos pelo torso nu. Ela o olhava embevecida, deliciando-se com cada um dos gominhos do seu abdome. Mordeu o lábio e abriu o botão da calça jeans e, bem lentamente, despiu-o completamente. Bianca gemeu, sentindo aquele já conhecido comichão por debaixo da sua pele.

Ajoelhando-se entre as pernas de Apolo, Bianca subiu e desceu as mãos pelas coxas grossas, traçando os músculos com os dedos. Apolo gemeu quando a sentiu arranhar sua pele e, ao abrir os olhos, viu-a se aproximar ainda mais.

Quando a mão de Bianca tocou o seu membro rijo, o prazer foi tão intenso que Apolo estremeceu. Ela segurava-o na base enquanto percorria todo o seu comprimento com a ponta da língua.

Para Bianca, sexo oral não era tabu, era muito prazeroso na verdade. Certa vez ela estava esperando Apolo para jantar e ele chegou muito estressado. Sem mais, nem menos, Bianca invadiu o banheiro e o empurrou na parede do box enquanto usava a sua boca para dar prazer ao homem que amava, até que Apolo estava relaxado e com um sorriso idiota no rosto.

Apolo gemeu ao perceber que Bianca usava a ponta da língua para traçar as veias que pulsavam em um ritmo acelerado. Ela colocava-o completamente em sua boca, fazendo com que Apolo impulsioneasse o quadril involuntariamente.

— Porra! — resmungou, fazendo Bianca sorrir.

Sentiu as mãos dele em seus cabelos e notou que Apolo estava usando de toda a sua força de vontade para não controlar os movimentos dela. Aquele era o lado príncipe de Apolo permitindo que Bianca levasse o seu tempo.

Ver os lábios rosados fechados em torno do seu membro era demais para Apolo. Seu coração batia tão forte que parecia querer rasgar o peito e sair voando, enquanto seus músculos estremeçam e sua respiração ficava ofegante.

Tentou ignorar aquele aviso em sua mente que dizia que deveria jogá-la na cama e a amar sem reservas, de forma selvagem, mas cada vez que Bianca

fitava os seus olhos, isso se tornava mais difícil. Sentiu uma corrente elétrica percorrer o seu corpo e jogou a cabeça para trás, gemendo o nome dela, como se implorasse para que aquela tortura acabasse, ao mesmo tempo em que queria prolongar aquele momento.

Apolo usou a sua última gota de controle para puxar Bianca em sua direção, jogando-a na cama.

— Você ainda vai me matar...

— E você vai gostar.

Apolo olhou nos olhos dela e acariciou o seu rosto antes de sorrir com malícia. Beijou-a na boca com todo fogo que o consumia e escorregou para dentro do seu calor. Seus corpos dançavam no mesmo ritmo insano, conectados como se fossem um só.

Bianca fincou as unhas nos ombros de Apolo que, em reflexo, apertou as suas coxas fazendo-a gemer. Seus gemidos e respirações alterados soavam como a mais bela sinfonia, preenchendo o quarto. Apolo impulsionava o seu quadril com força, atingindo um ponto dentro de Bianca que a levava cada vez mais perto do paraíso.

— Mais, Apolo! — implorou.

— Você quer mais? — Apolo a puxou pelas nádegas, erguendo o seu quadril. — Eu te dou mais. Eu te dou tudo, Bianca. Até a Lua, se você me pedir.

Mesmo coberta por uma nuvem de prazer, aquelas palavras fizeram o coração de Bianca saltar no peito. A verdade no tom de voz dele, a forma como ele a tocava e a amava era uma mistura de sensações que pareciam crescer ainda mais dentro dela.

O suor escorria por seus corpos, deixando-os escorregadios. Aquela

posição permitia que Apolo chegasse ainda mais fundo e o prazer foi tão grande que Bianca sentiu todo o seu corpo estremecer. Seus corpos se chocavam com fervor e a voz de Apolo em seu ouvido dizendo que a amava, funcionava como uma força que a empurrava cada vez mais para a borda de um abismo.

Os gemidos de Bianca o atingiram como um choque elétrico que deixou sua visão turva e ele sentiu seu corpo se partir em milhões de pedaços. O fogo percorria as suas veias ao mesmo tempo em que todos os seus músculos se retesavam para, em seguida, relaxar.

Bianca não reclamou do peso sobre o seu corpo, afinal, ela gostava da sensação das suas peles nuas se tocando. Ficou acariciando o cabelo de Apolo por alguns minutos enquanto as suas respirações se normalizavam. Apolo virou a cabeça e a olhou com uma intensidade nova que fez as borboletas em seu estômago despertarem. Esfregou o nariz no dela, fazendo-a rir e a beijou bem lentamente.

Girou o seu corpo para o lado, puxando-a para seus braços e permaneceram assim: ele acariciando as costas dela, e ela raspando as unhas em seu peito e abdome. O silêncio era confortável e a troca de olhares entre eles era repleta de amor e carinho.

—Eu quero passar muitas noites assim.

— Nu? — Bianca brincou e Apolo sorriu para ela, um sorriso iluminado que fez o seu coração saltar no peito.

— E com você nos meus braços.

— Nua? — falou e, enquanto ela fazia uma careta piscando um olho e colocando a língua para fora, Apolo gargalhou.

— Vestida também, é claro. — Passou a ponta do indicador pelo nariz

dela e Bianca o enrugou, fazendo outra careta. — Eu te amo.

— Será que você vai me falar isso todos os dias?

— De noite. E de tarde. — Rolou para cima de Bianca mais uma vez e começou a distribuir beijos por todo o seu rosto. — E de manhã, também. — Beijou a testa, a bochecha e o nariz. — Eu te amo. — Beijou o queixo e os olhos. — Eu te amo. Eu te amo.

— Eu também amo você. — Bianca suspirou, sentindo-se amada como nunca foi e amando como jamais amou.

*“Vou recriar o mundo pra gente caber junto
Desalinhas o tempo e o espaço por nós dois
Eu te encontrei dentro de mim.”
(Nosso Nó(s) – Sandy)*

Onze

Apolo e Bianca saíram do banheiro trocando sorrisos cúmplices enquanto tentavam enxugar um ao outro. Trocaram beijos e olhares ao mesmo tempo em que tentavam se vestir. Ele deslizou as mãos pelas pernas dela enquanto a ajudava com a calcinha e, logo após, vestiu nela uma de suas camisetas com frases engraçadas.

Bianca o viu vestir um short de ginástica e passou a língua pelos lábios, admirando os movimentos dos músculos de suas costas enquanto vestia a camisa branca.

— Quer que eu pegue um babador, urso? — Apolo brincou e ela bufou.

Bianca abriu a boca para responder, mas a única coisa que ouviram naquele momento foi o ronco do seu estômago. Ela respirou fundo, ignorando a gargalhada de Apolo e virou-se de costas, levando a escova de cabelos de volta para o banheiro. Ao voltar para o quarto, Apolo a estava encarando com um ar divertido, tentando segurar o riso.

— Vamos. Eu vou te alimentar. — Puxou-a pela mão em direção à porta. — Fiz lasanha à bolonhesa com molho branco. Receita da família. — Virou a cabeça para trás e piscou.

— Eu sou muito sortuda por ter um namorado cozinheiro — disse

orgulhosa, enquanto tentava prender a franja em um grampo no alto da cabeça.

Ao ouvir aquelas palavras, Apolo parou e sentiu o corpo de Bianca se chocar contra as suas costas.

— Você me chamou do quê? — indagou enquanto virava o seu corpo para ficar de frente para ela.

Bianca deu um passo para trás e o olhou assustada. Inclinou a cabeça para o lado e fisgou o lábio inferior, mordendo-o. Ela já tinha dito sim, certo? Ou não? Foi a vez de Apolo inclinar a cabeça e erguer uma única sobrancelha ao mesmo tempo em que cruzava os braços em frente ao seu corpo.

— Namorado, ué. — Bianca sentiu as bochechas corarem, mas manteve os seus olhos fixos nos dele. — É isso o que nós somos, certo? Namorados?

— Não sei, não. Você não me respondeu.

Ele estava brincando e Bianca sabia disso. Ainda assim, teve a decência de se sentir envergonhada. Suspirou e esfregou as mãos nas laterais das coxas, nervosa.

— Desculpa. Eu achei que tivesse dito algo...

— Sem problemas. — Apolo a interrompeu, sorrindo. — Uma pena que agora você vai ter que esperar a minha boa vontade de perguntar novamente.

—O q-quê? — Bianca não entendeu. Pelo tom, ele estava brincando, mas antes que ela pudesse ter certeza, Apolo já tinha virado as costas e voltado a caminhar na direção da cozinha.

Apolo precisou requeimar a lasanha, mas sabia alguns truques para que ela não perdesse o sabor. Abriu mais um vinho e fez uma nota mental para

agradecer a Dionísio.

— Catarina te ajudou a cozinhar? — Bianca puxou assunto.

Apolo negou com a cabeça enquanto mastigava uma azeitona e depois falou:

— Maitê.

— Maitê sabia disso tudo? — A voz de Bianca saiu histérica. Ela queria matar a irmã! Fazia dias que reclamava da falta de atenção de Apolo e naquele tempo todo, aquela Barbie insuportável só sabia fazer piadinhas. — Você sabia que ela estava me zoando, falando que você tinha arrumado outra?

Apolo quase caiu da banquetta de tanto rir. Maitê era louca e muito divertida. Antes de começar a se relacionar com Bianca, achava a loira bastante superficial e fútil, mas com o passar do tempo, descobriu nela uma ótima amiga. Maitê era inteligente, uma ótima ouvinte e guardava segredos como ninguém, além de topar todas as suas loucuras. Ela fazia qualquer coisa para ver a irmã feliz.

Bianca estava séria, olhando-o rir, até que não mais resistiu e o acompanhou nas gargalhadas. Era sempre assim: impossível ficar brava com Apolo por mais de um minuto.

Ainda rindo, Apolo caminhou até o fogão e desligou o forno para, em seguida, puxar a lasanha. O cheiro do queijo derretido e das especiarias que ele usava para temperar a carne invadiu o ambiente e Bianca sentiu o seu estômago roncar mais uma vez.

A comida foi servida na sala e os dois jantaram enquanto conversavam sobre vários assuntos. Bianca contou da cigana que a parou na rua e a abraçou como se fossem velhas amigas, comentando o quanto a felicidade lhe

caía como uma luva. E Apolo sorriu, dizendo o quanto ela era sábia por enxergar isso.

Por cima das taças, trocavam olhares que diziam muito mais do que as palavras. Bianca estava radiante, envolta por uma luz branca que reluzia amor e felicidade. Viu Apolo servir mais um pedaço de lasanha em seu próprio prato. O terceiro, ela contou. E se perguntou para onde ia toda aquela comida.

Apolo notou que era observado e resolveu tirar o foco de si mesmo. Respirou fundo e, da forma mais natural possível, retirou a caixinha do bolso do short e a colocou sobre a mesa. Bianca encarou o pequeno quadrado de veludo assustada. Milhões de possibilidades passavam em sua mente e o seu coração acelerou. Suas mãos tremiam quando pegou a caixinha e a colocou na palma de sua mão, abrindo-a em seguida.

Apolo deixou os talheres de lado e a encarou com muita atenção. Viu o exato momento em que ela compreendeu o que aquilo representava e o sorriso grande e lindo que surgiu em seus lábios fez valer a pena qualquer perrengue que tenha passado para fazer aquela surpresa.

Bianca pegou a pequena chave de ferro com os seus dedos e olhou maravilhada para Apolo. A cabeça da chave estava protegida por uma capa de silicone com a cara de um ursinho e, ao mostrar isso para ele, Bianca gargalhou como uma criança e correu. Apolo só teve tempo de virar a sua cadeira antes que o corpo dela se chocasse contra o seu.

Ela distribuía beijos por todo o seu rosto e o abraçou forte, sentindo o cheiro do shampoo que tanto amava. Enterrou o rosto na curva do seu pescoço e deixou outro beijo ali.

— É um grande passo... — Bianca sentiu os dentes de Apolo arranhando a pele do seu pescoço.

— Sim, é — ele respondeu antes de lambe o local da mordida.

— Você tem certeza?

Apolo respirou fundo e se afastou.

— Minha maior certeza, Bianca, é que eu te quero na minha vida — respondeu, olhando-a nos olhos. — Você tem passe livre aqui, pode mudar o que não gostar. Deixar o nosso cantinho mais com a sua cara, nossas roupas emboladas no guarda-roupas e seus sapatos jogados pela lavanderia. Pode até vir morar aqui de vez, se quiser. Eu vou amar dormir e acordar com você todos os dias.

— Apolo. — Suspirou.

— Eu te amo e confio em você.

Bianca sorriu com lágrimas nos olhos e ergueu as mãos, acariciando a barba rala de Apolo.

— Eu poderia passar a noite inteira dizendo o quão maravilhoso e perfeito você é.

— Você pode, eu não me importo nem um pouco — disse, atrevido.

— Cala a boca, Apolo! — Bianca riu enquanto ele gargalhava alto. — Você é um idiota.

Ela ficou alguns segundos, que pareceram minutos, olhando-o gargalhar. Tinha certeza absoluta que estava com cara de idiota, mas não se importava. Apolo era lindo. Mas Apolo gargalhando era fenomenal. E aquele era um espetáculo que ela se recusava a perder.

— Eu estou tentando ser romântica, sabia? — Tentou usar o tom reprovador, mas só conseguiu arrancar mais uma gargalhada de Apolo.

Apolo estava nervoso e isso o fazia rir sem parar. Dar a chave para qualquer outra mulher no dia dos namorados, seria até mesmo frustrante. Mas não para Bianca. Ela entendia a enormidade daquele passo. Já conseguia

imaginá-la usando as suas blusas de estampas engraçadas, descalça e com os cabelos presos em um coque desleixado, pendurada no balcão enquanto ele cozinhava para ela.

Aquela era uma visão do paraíso.

— Você quer ser o meu namorado, Apolo?

Riu, até que ouviu aquela pergunta saindo pelos lábios rosados. Apolo a olhou e abriu a boca ao mesmo tempo em que piscava, espantado.

— Você... Você quer, não é? Porque eu quero muito ser a sua namorada e...

E ela ainda tinha dúvidas?

— Sim. Eu quero ser o seu namorado, Bianca. — Passou a mão pela bochecha corada e não resistiu. Inclinou seu corpo até que seus lábios se tocaram. Bianca segurou-o pelo cabelo e aprofundou ainda mais o beijo, mordendo o seu lábio e arrancando de Apolo um gemido alto.

O amor é realmente algo estranho. Primeiro ele nos deixa vulneráveis e dispostos a colher migalhas e fazer sacrifícios. Depois, nos deixa inseguros ao mesmo tempo em que criamos mil situações em nossas mentes e com elas, as expectativas também surgem. Para somente depois nos deixar em êxtase.

Apolo e Bianca passaram por todas essas fases, desde quando se conheceram e se tornaram amigos, até se perderem nos braços um do outro sem ressalvas. E, ao olhar para trás, eles sabiam que esperar tinha sido a decisão certa. Tudo aconteceu no momento certo, e cada segundo de agonia valeu a pena só para que pudessem estar ali.

Apolo a ergueu no colo e a sentiu passar as pernas por sua cintura. Rindo como dois adolescentes apaixonados, fizeram o caminho até o terraço. A noite estava somente começando e eles ainda tinham o dia dos namorados

para comemorar.



As velas já estavam apagadas e o gelo no balde já havia derretido. O céu tinha um tom alaranjado preenchendo o horizonte, indicando que em poucas horas o sol despertaria. Enquanto isso, as estrelas continuavam a brilhar no céu, e nem mesmo as poucas nuvens, atrapalhavam o espetáculo.

O tempo estava fresco, mas não frio. Bianca estava deitada ao seu lado, completamente nua com um braço e uma perna por cima do seu corpo. A sua respiração seguia um ritmo tranquilo que Apolo adorava.

Ele queria congelar aquele dia, eternizar os diversos momentos vividos com Bianca até ali. Contudo, o mais correto não era viver de lembranças e sim construir todos os dias, dali em diante, vários momentos inesquecíveis.

Sorriu ao ouvir Bianca murmurar algo incompreensível enquanto se ajeitava ainda mais colada ao seu corpo. Ela era tão bonita que Apolo não se cansava de admirá-la. Os fios vermelhos estavam despenteados e as bochechas estavam coradas, o que a deixava muito sexy.

Olhou para o céu mais uma vez e, como Catarina o ensinou muitos anos atrás, fechou os olhos e fez uma prece silenciosa, agradecendo por todas as coisas boas que aconteciam em sua vida. Algumas, ele sabia que tinha conquistado por seu trabalho e mérito, mas outras ele sabia que tinham o dedo divino. Era só olhar para a mulher ao seu lado para saber que ele lutava todos os dias para se fazer merecedor de tamanha benção.

E, pela primeira vez em muito tempo, Apolo fez um pedido. Desejou que todos os seus irmãos pudessem encontrar o amor e que esse sentimento

transformasse as suas vidas, levando-os à plenitude. Queria que os irmãos compartilhassem daquela miscelânea de sensações que surgia quando se tinha alguém especial nos braços. Torceu por Petrus e Ana, e sentiu um arrepio cruzar o seu corpo.

Ao abrir os olhos, ele viu uma estrela cruzar o céu e sorriu relaxado. Aquela era a resposta para a sua oração. Era indescritível saber que existia alguém no Universo que o ouvia.

Virou-se de frente para a sua namorada e a abraçou, puxando-a mais para perto. Estava completo com ela ali. Inspirou o cheiro de Bianca e esperou que ela se aconchegasse bem ao seu corpo para então fechar os olhos e se entregar à exaustão.

Epílogo

Apolo parou a sua moto de frente para a casa geminada onde passou boa parte da sua infância e ficou ali, sentado, encarando as roseiras bem cuidadas por um longo tempo. O seu coração martelava no peito e as suas mãos transpiravam com o nervosismo, afinal, não era todo dia que os papéis se invertiam.

Desceu da moto e deixou o capacete em cima do banco para que pudesse secar as mãos em sua calça jeans. Apolo adorava fazer as mais variadas surpresas, mas não se sentia muito confortável quando não sabia o que esperar. Sentia-se completamente perdido.

Engoliu em seco e lembrou-se das palavras de Lúcius naquela tarde. “Enfim o feitiço virou contra o feiticeiro”, ele disse, o que fez o filho ficar ainda mais nervoso.

Puxou o ar lentamente e fechou os olhos, lembrando-se da primeira vez que levou Bianca ali. O jardim iluminado, o perfume das flores, a temperatura da pele dela, o sabor do seu beijo e a forma como seus corpos se conectaram um ao outro. Cada mínimo detalhe ainda vívido em sua mente. Então, ele sorriu e tentou acalmar os seus batimentos cardíacos.

Buscou o celular no bolso e coçou o queixo enquanto relia a

mensagem mais uma vez.

“Encontre-me onde você me fez ver estrelas pela primeira vez.”

Ele também tinha visto estrelas naquela noite, assim como em todas as outras noites que passavam juntos. Estar com Bianca, era como estar mais perto do céu.

Sorrindo, Apolo caminhou através do roseiral e pegou uma das rosas vermelhas. Elas eram as favoritas de Bianca e ele tinha certeza que dona Catarina não ficaria zangada. Pegou o canivete em seu bolso e começou a retirar os espinhos enquanto passava pela varanda.

Parou e viu pela janela que a casa estava toda apagada. Deu de ombros, afinal, era comum Catarina se refugiar no estúdio onde pintava seus quadros e Bianca adorava ficar com ela em meio à bagunça das tintas.

Estava de frente para a porta quando notou um papel fixado com durex. O cartão tinha o seu nome e Apolo o puxou para ler. Um vinco se formou em sua testa e o seu sangue começou a correr mais rápido pelas veias enquanto abria o papel.

“Apolo, você uma vez me falou que gostava de surpreender as pessoas. Que isso era uma forma de mostrar a elas o quanto são especiais. Hoje é a minha vez de fazer você se sentir único. Para começar, que tal tirar os sapatos e sentir a grama fresca sob os seus pés?”

Apolo riu, sabendo bem do que ela estava falando. Todas as vezes que retornaram na casa de Catarina, ele seguia o mesmo ritual: ficava descalço e

esfregava os pés na grama enquanto fechava os olhos absorvendo aquele contato mais íntimo com a natureza.

Guardou o cartão no bolso da sua jaqueta e se ajoelhou para desamarrar o par de *All Star* que estava em seus pés. E então, que ele percebeu que o seu tênis não era o único ali.

No canto, próximo da porta, o *All Star* favorito de Bianca descansava e, ao lado do dela, um outro par em miniatura chamou a sua atenção. Apolo piscou várias vezes, somente para ter certeza de que o que estava vendo era real. Puxou o ar com força e pegou os sapatinhos que conseguiam ser menores que a palma de sua mão, e os levou até o peito onde o seu coração batia de forma desenfreada. Seu estômago se agitou e ele sentiu que ia desfalecer ao olhar para o chão e ver escrito com giz branco os dizeres “papai + mamãe = 3” e ali, onde ele deveria colocar o seu tênis, um novo bilhete com o seu nome aguardava para ser lido.

Arrumou os sapatos em ordem e esfregou os olhos tentando conter as lágrimas que se acumulavam e nublavam a sua visão. Correu os dedos pelas primeiras palavras traçadas naquelas linhas delicadas, sentindo que ia explodir, tamanha era a sua felicidade.

“Oi, papai. Você não esperava a minha chegada, tampouco a mamãe. Talvez eu seja como você e goste de fazer surpresas. Por isso eu resolvi ajudar a mamãe e vim te convidar para um passeio. Você topa, papai? Diz que sim, vai?! Você só precisa seguir o barbante dourado.”

As lágrimas que Apolo tentou conter, caíram livremente por seu rosto, molhando o papel em suas mãos. Passou a mão por seu peito, esfregando aquele ponto exato onde fica o coração e sentiu como se o mundo, de repente,

estivesse diferente. Mais colorido, mais feliz. Passou as costas das mãos pelo rosto, enxugando-o, e notou que estava sorrindo.

Bianca soube muito bem como desmontá-lo. O impacto daquela surpresa desencadeou nele uma espiral de emoções até então desconhecidas. Seu filho. Aquelas palavras ecoaram em seu cérebro, penetrando em sua alma e fazendo o seu peito se encher de orgulho. Com um sorriso idiota no rosto, Apolo se ergueu e procurou pelo chão a tal corda dourada e a encontrou a poucos passos de distância. Segurou-a entre os dedos ao mesmo tempo em que imaginava um bebê branquinho com os cabelos cor de cobre, iguais aos da mãe. As lágrimas voltaram a encher seus olhos e ele precisou parar por um minuto para respirar fundo pelo que parecia ser a milésima vez antes de puxar a cordinha e dar prosseguimento às surpresas.

Apolo deu três passos e encontrou uma das primeiras fotos que ele e Bianca tiraram juntos. Ela estava presa na corda por um mini pregador. Na foto, eles estavam radiantes, sorrindo um para o outro com um olhar carregado de paixão. Olhando mais à frente, ele viu que tinham várias recordações espalhadas e aquilo o deixou completamente sem palavras. Deu mais alguns passos e, a cada foto, a cada momento registrado, ele revivia aqueles momentos e as lágrimas revezavam com as gargalhadas. Seguiu em direção à lateral da casa e quando chegou ao final daquele fio dourado, encontrou um par de alianças douradas amarradas. Dentro de cada uma, as suas iniciais escritas. O último pregador prendia um bilhete com seu nome e Apolo sequer titubeou antes de abrir.

“Papai, quando a mamãe descobriu que eu estava chegando, ela chorou muito. Depois riu, e depois chorou de novo. O coração dela batia tão rápido, papai, que me acordou e quando eu ouvi a voz dela conversando comigo,

falando o quanto já me amava e que estava feliz por eu estar aqui, fiquei tão feliz! E aí, papai, ela perguntou se eu queria ajudá-la a preparar uma surpresa para você e eu topei. Ela disse que tinha que ter velas porque você adora. E agora, está na hora de você encontrá-las.”

Olhou em volta, procurando por algum sinal das velas. Buscou pelo gramado e, em determinado momento, sentiu um cheiro de talco de bebê e sorriu. É claro que Bianca escolheria esse aroma. Sorrindo, Apolo foi em direção ao jardim e encontrou um pequeno caminho de velas acesas que o guiavam até um ursinho de pelúcia. Ao lado dele, um balão em forma de coração cheio de gás hélio flutuava, preso somente por uma caixinha cor de rosa.

Apolo se abaixou e pegou a caixa, desamarrando o nó do balão e deixando-o voar. Antes de abri-la, ele encontrou mais um bilhete preso na tampa.

“Oba! Eu sabia que você encontraria, papai. Sabe, eu posso ter o tamanho de uma cereja, mas já sou muito esperto. Abra a caixinha, papai, e corra para encontrar a mamãe. Ela está te esperando.”

Apolo abriu a caixinha e perdeu o fôlego. Uma foto. A primeira foto do seu filho. E ele era só um borrão branco, mas, ainda assim, ao ver aquela imagem, algo dentro dele se encaixou e o sentimento mais puro do mundo desabrochou em seu peito.

Ele usou a ponta dos dedos para contornar a imagem e a felicidade era tão plena, que transbordava de seus olhos em forma de lágrimas. Perdeu

vários e vários minutos ali, encarando aquela fotografia como se fosse o seu maior tesouro. Suspirou e olhou para dentro da caixa, encontrando um minigravador e um post-it escrito ‘aperte o play’. E foi exatamente o que ele fez.

Apolo passou a mão pelo rosto e tentou refrear as lágrimas que caíam ao ouvir o som ritmado e forte. Seus joelhos dobraram enquanto ele emitia um som que era uma mistura entre um soluço e uma gargalhada. Ele sabia exatamente o que era aquele som. Era a música da vida.

O seu coração batia no mesmo ritmo acelerado do de seu filho e Apolo, naquele instante, soube que esperou a vida inteira somente para ouvir aquele som. Encarou a fotografia em suas mãos e o par de alianças pesou em seu bolso. Ele sabia o que precisava fazer, e faria.

Precisava chegar até Bianca. Abraçá-la. Dizer-lhe que nada jamais superaria aquela surpresa. Necessitava tê-la em seus braços, acariciar o seu ventre e depois amá-la por toda a noite.

Guardando tudo dentro da caixinha, Apolo se levantou e correu na direção dos fundos. Seus passos eram ligeiros e desesperados e ele não se importava em demonstrar a sua ansiedade em chegar até a mulher da sua vida. Aquela mulher que já era a mãe do seu filho.

Bianca estava agoniada. Ao decidir fazer aquela surpresa, não imaginou que Apolo fosse demorar tanto a ler os cartões e chegar até ali. E se ele não gostasse da ideia de ser pai? E se ele a abandonasse? Ela engoliu o choro, se recusando a deixar o medo a dominar. Parou de andar em círculos e respirou fundo, fechando os olhos ao mesmo tempo em que colocava as mãos sobre o ventre.

Apolo diminuiu o ritmo, observando-a à distância. Bianca estava tão linda, parecia uma fada. A trança caía por cima do seu ombro, o top verde

moldava os seus seios e a saia branca deixava o ventre exposto. Ela estava tão serena, com um meio sorriso moldando os seus lábios enquanto acariciava o fruto do amor que sentiam um pelo outro.

Bianca abriu os olhos lentamente e, quando seus olhares se encontraram, ela soube que não precisava ter medo. Apolo estava ali para ser o seu companheiro naquela jornada. Soltou o ar que sequer percebeu que prendia e o viu caminhar lentamente até ela. E antes que pudesse falar qualquer coisa, ele se ajoelhou à sua frente e deixou um beijo carregado de amor em sua barriga.

— Oi, pequeno. Papai também está muito feliz com a sua chegada, viu? Eu te amo muito, meu filho. — Apolo esfregou o rosto na barriga dela e olhou para cima, sorrindo. — E eu vou cuidar muito bem de você, mamãe. Eu prometo.

— Eu vou cobrar essa promessa, papai.

Apolo se ergueu e puxou Bianca para os seus braços, inalando o cheiro do seu shampoo. Beijou suas bochechas, capturando as lágrimas de emoção que desciam de seus olhos.

— Você me fez o homem mais feliz da face da Terra, urso. Obrigada.

Bianca encarou os olhos negros como a noite e se perdeu naquela intensidade única que somente Apolo tinha. Ela não soube dizer como, mas quando percebeu, já estava com seus lábios colados aos dele.

Não eram mais somente os seus corpos e almas entrelaçados. Eram as suas metades, seus traços se misturando de forma perfeita, gerando uma vida, formando um ser humano em miniatura. O milagre da vida.

— Nós vamos ser pais.

— Eu estou grávida.

Falaram ao mesmo tempo, ambos ofegantes. Bianca suspirou ao mesmo tempo em que Apolo gargalhava.

— Ah, Apolo... — Bianca apoiou o rosto em seu peito e o abraçou, sentindo o pulsar do seu coração. — Eu estou com tanto medo...

— E eu estou apavorado! — Ele a cortou delicadamente. — Mas só de imaginar um bebezinho com esse seu nariz arrebitado, tudo parece sumir.

Bianca olhou para cima e Apolo encostou sua testa na dela. O amor os rodeava como uma força pulsante enquanto as suas mãos, entrelaçadas, repousavam sobre o ponto onde aquele bebê se desenvolvia.

— E eu sei que você vai ser uma mãe maravilhosa, Bianca. Vamos relaxar e curtir todas as fases dele aí dentro. Quando ele estiver aqui, nos nossos braços, nós vamos estar prontos para o desafio. Sabe por quê? — Bianca negou com a cabeça e Apolo a segurou pelo queixo para que seus olhares se encontrassem novamente. — Porque nós temos um ao outro, Bia. Eu vou estar lá para você e para esse bebê. Não importa se for para trocar fraldas ou se for para revezar as horas de sono. *Eu vou estar lá.*

Bianca ergueu a mão e acariciou o rosto de Apolo, como se com aquele gesto fosse possível dizer todos os milhões de pensamentos que ecoavam em sua mente.

— Você não existe, Apolo. — Ele riu e a puxou para mais um beijo.

— Sabe que agora você vai ter que se mudar de vez para o meu apartamento, não é?

— Ah, vou? — perguntou se fazendo de desentendida.

— Sim, vai. — Ele passou o polegar pela bochecha de Bianca, enxugando os últimos resquícios de lágrimas. — E nós vamos procurar uma casa maior, com um quintal para o Nicolas brincar nas tardes de verão.

Apolo entrelaçou os seus dedos e a puxou em direção à casa de sua mãe.

— Nicolas? — Bianca riu. — Você já escolheu o nome do bebê?

— É claro que sim. Estou sendo justo. Se for menino, Nicolas. Se for menina, você escolhe.

Bianca crispou os lábios e o olhou com uma irritação fingida, fazendo Apolo dar mais um selinho em seus lábios.

— Você só está dizendo isso porque sabe que vai ser um menino!

— E ele terá o meu charme.

Nota da Autora

Escrever Apolo não foi tão simples.

Se você chegou até aqui, caro leitor, deve ter percebido que ele tem uma personalidade singular. Apolo é doce, decidido e muito – mas muito mesmo – romântico.

Quando concluí o arquivo a primeira coisa que pensei foi: preparem a insulina, queridos, Apolo está chegando! E isso me gerou medo. Pavor! Eu fiquei apreensiva, imaginando se ele conquistaria, ou não, o seu coração.

E eu espero que ele tenha conquistado, viu?

Contos não são simples de se escrever. As pessoas podem achar que por ser algo mais curto, o nível de dificuldade é menor. Entretanto, a cobrança é dez vezes mais pesada. A gente precisa fazer você, leitor, sentir em meia dúzia de palavras, o que normalmente levariam páginas e mais páginas.

E é isso o que eu mais quero: que você tenha sentido. Que Apolo tenha feito você suspirar. Sonhar. Apaixonar-se e, principalmente, que ele tenha feito você acreditar mais uma vez que príncipes encantados existem.

Assim como foi comigo.

Portanto, se você gostou do segundo conto dessa família tão amada, compartilhe! Dê a sua opinião em uma avaliação na Amazon ou no Skoob.

Indique para os amigos! Todos nós merecemos um amor como o de Apolo e Bianca.

Com todo o amor do mundo,

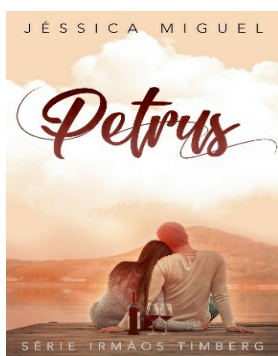
Jéssica Miguel

Sobre a Autora

Jéssica Miguel é a típica sagitariana que adora se aventurar no mundo dos livros. Viciada em café e em filmes de super-heróis. Carioca, mas adora mesmo os dias chuvosos. É a mãe de uma princesa e, como romântica incurável, ainda acredita nos contos de fadas.

Leia também

Quer saber como Petrus pagou a aposta?



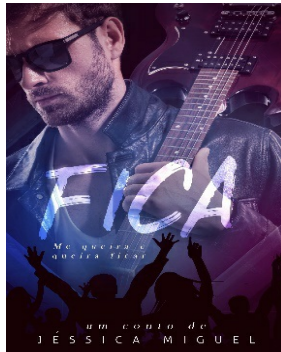
[Petrus](#)

(Irmãos Timberg – 01)

Existe uma linha muito fina entre o amor e a amizade. Petrus e Ana sabem que, a partir do momento em que ultrapassarem esse limite, será um caminho sem retorno. Isso os fez manter seus sentimentos trancafiados em seus corações.

Até que Petrus aceita uma aposta.

E em uma noite, a linha que eles tanto lutaram para não ultrapassar, se rompe.



Fica

O que você faria se o amor caísse, literalmente, em seu colo?

Gus Stuck agarrou a oportunidade, mesmo sabendo que teria que se despedir em breve e, talvez, para sempre.

Leatrice embarcou naquela viagem pronta para se divertir e fazer todas as loucuras imagináveis. Mas a maior de todas, sem dúvidas, foi encontrar o amor... mesmo que não estivesse à sua procura.

Dois corações que se encontram, para logo depois dizer adeus.

Porque às vezes, ficar não é uma opção.